

Anexo 1. Edições Público

1.1. “Vozes” out.1992

1.1.1. 4 out. 92: “Confronto fatal”

Se a estratégia da SIC é “jogar no confronto” com o Canal 1 da RTP, será a informação que vai definir o campo de batalha. Os responsáveis pelo primeiro canal privado a emitir mostram-se confiantes. Mas as condições de partida já são desiguais: a SIC tem seis milhões de contos para o ar-

ranque; a RTP dispôs de um orçamento de 16 milhões, para 1992. Daqui para a frente, tudo depende das audiências, tudo pode acontecer. A “guerra das rosas” vai começar. Às 16h30 da próxima terça-feira, 6 de Outubro, é só o início da primeira batalha.

PAULO CARRIÇO



Informação

O CONFRONTO FATAL

Taco a taco, palmo a palmo, segundo a segundo — a palavra de ordem da SIC é “jogar no confronto” com o Canal 1, da RTP. “As pessoas, às oito da noite”, garantiu Francisco Pinto Balsemão, na entrevista que deu ao PÚBLICO, no passado dia 24 de Setembro, “vão ser obrigadas a escolher qual o telejornal que querem ver.”

Quer o patrão da SIC quer o seu director de informação, Emídio Rangel, não têm deixado de afinar pelo mesmo diapasão. Pode-se dizer mesmo que a informação deve constituir a peça fundamental para marcar esse confronto de que falam os responsáveis da SIC.

Mais do que isso, ambos acreditam de que podem fazer melhor do que a RTP. Porque? Com uma equipa de cerca de cem profissionais, alguns deles já com provas dadas nos mais diversos domínios da comunicação social (da imprensa escrita à rádio e desta à televisão), a SIC conta, à partida, com uma vantagem de

monta: anos e anos de uma informação cinzenta, tosca e pró-estatal (isto é, governamental) da RTP. Se é verdade que, na 5 de Outubro, nem toda a gente alinha pela “voz do dono”, é quase certo que não se verificará uma mudança radical no estilo da informação “made in RTP”. Como perguntava Emídio Rangel (em entrevista à “TV Guia”), “quem é que acredita que a RTP, tutelada como está pelo Estado (...), possa colocar-se numa posição de completa e total distância em relação ao poder?”

A esta lógica — assente na deontologia e na independência face, sobretudo, ao poder político — os responsáveis da SIC, em particular o seu director de informação e programação, Emídio Rangel, são bastante claros: “A informação é a nossa grande aposta.” Basta olhar para a grelha para o perceber: Notícias abre a emissão; o mais importante serviço noticioso — o Jornal da Noite — vai para o ar à mesma hora do Telejornal (Canal 1); finalmente, a fechar a emissão, o Último Jornal.

Tudo começa às 16h30, com Notícias, cuja apresentação cabe a Maria Alberta Fernandes. Porque é o primeiro contacto com o

telespectador, não ultrapassa os quatro, cinco minutos. O objectivo é fazer o ponto da situação. Maria Alberta Fernandes volta à antena às 18h30, com outro bloco de Notícias e com o mesmo limite de tempo. Mas, nessa altura, a lógica é diferente: em princípio, é um serviço que antecipa o Jornal da Noite; porém, se a estação tiver entre mãos uma história forte, não esperará. “Aqui, vamos trabalhar sobre o risco da actualidade”, explica Emídio Rangel.

Quando os ponteiros marcarem as 20h00 — e, nos ecrãs da concorrência, aparecer Manuela Moura Guedes ou José Rodrigues dos Santos —, José Alberto de Carvalho estará na SIC a apresentar o Jornal da Noite. Este bloco de 30 minutos

pretendem os responsáveis da SIC que tenha muito ritmo, muito movimento, notícias novas e, em princípio, exclusivas. Mas a reportagem, obviamente, não fica esquecida. A peça mais forte é aquela que vai para o ar em primeiro lugar — da cultura à política, da sociedade ao desporto, não existe uma hierarquização das notícias. Por outro lado, nem em estúdio nem ao vivo há entrevistas, a não ser que se justifique absolutamente.

A fechar, voltam as notícias, no Último Jornal, com Paulo Nogueira e com uma duração de cerca quinze minutos. A “pièce de résistance” é a história que marcou o dia e recebe um tratamento aprofundado. Há lugar para entrevistas e estão, também, previstos comentadores em estúdio.

Ao domingo, o figurino mantém-se, só os “pivots” é que mudam: Notícias, às 14h00 (abre mais cedo, como no sábado) com Cláudia Borges; o Jornal da Noite, às 20h00, é apresentado por Rodrigo Guedes de Carvalho; e Paulo Camacho está no Último Jornal, por volta da meia-noite.

Nada parece ter sido deixado ao acaso. A começar pelo visual da estação a partir de uma cenografia, imaginada por Tomás Taveira e

que Rangel considera ser “moderna e alicante, a par do grafismo”, executado por técnicos da Sky. A uma enorme rede de correspondentes juntam-se os meios audiovisuais. A saber: ligações com WTN (uma agência americana de imagens) e com a Visnews, além de um acordo com a CNN que, segundo o director de informação, permite usar todas as imagens do canal de Ted Turner.

Outras duas apostas da SIC, na “guerra da informação” — de segunda a sábado — chamam-se Praça Pública e Jornalouco e vão para o ar às 19h30, antes do Jornal da Noite. Nuno Santos e Júlia Pinheiro, no primeiro, dão a conhecer “casos concretos das dificuldades das as pessoas sentem perante o Estado, as autoridades” — assim o definiu Balsemão (ver PÚBLICO, de 24/9/92). No segundo, Dario Soares e Casaco Silva — caricaturas do Presidente da República e do primeiro-ministro, encomendadas ao “atelier” inglês Spitting Images — são os principais bonecos do programa, que inclui mais uma vintena de figuras da política portuguesa e estrangeira. Os diálogos de Jornalouco são de Artur Portela e as vozes de Canto e Castro. Fogo Cruzado (que também se poderá chamar Jogo da Verdade), às segundas-feiras, entre as 22h30 e as 23h00, e Conta Corrente, às quintas, pela mesma hora, são as respostas da SIC, na área dos “talk shows” informativos. A dupla constituída por Carlos Magno/Paulo Alves Guerra será capaz de bater a dupla Almeida Santos/Alberto João Jardim, da RTP? É uma das muitas incógnitas a que só o correr do tempo (das notícias e dos cifrões da publicidade...) poderá responder. Ainda que as expectativas sejam enormes — e são — quanto ao começo das emissões do primeiro canal privado, não se podem comparar à certeza da inauguração dos caminhos-de-ferro no século passado... a não ser com um grande sentido de humor. ●

CARLOS CÂMARA LEME

Ficção

“ENLATADOS” A CONHECER

É um gosto a que a RTP nos habituou, o dos “enlatados”. Ficção, no pequeno ecrã, significa, quase sempre, séries e filmes em língua inglesa. Tendo em conta a qualidade de alguma produção portuguesa, há quem não se queixe. Mas basta pensar nos custos

1.1.2. 5 out. 1992: “A nova grelha da RTP”

A nova grelha da RTP

Foi com grande expectativa que aguardei a entrada em vigor da nova grelha da televisão. Curiosamente, nunca tão má qualidade de transmissão houve como acontece hoje em dia.

São sucessivos os cortes de som, imagem e respectivas interferências. Coincidência? Dando o benefício da dúvida, apenas interrogo se não seria sensato pedir a uma qualquer funcionária que desse uma satisfação ao público, que ultimamente cada vez mais estimulam com a possibilidade de poderem ganhar tantos milhares de escudos, vendo os Toto-sorteios.

Sendo uma boa técnica de “marketing” “obrigar” os mais avarentos a ficarem frente ao ecrã quase três horas, não deixa de ser uma forma incorrecta e até desleal para com a futura concorrência. (...)

Sem estar propriamente interessado por estes milhares, confesso ser, de facto, um apreciador atento aos telejornais das 20h, que honestamente considero de boa qualidade (...). Considero igualmente excelente a programação cinematográfica, só lamentando a minha indisponibilidade para os ver na totalidade. Era, da mesma forma, um espectador desiludido do felizmente enterrado Domingo Desportivo.

Justamente devido a este último programa, aguardava com ansiedade uma Grande Área de melhor qualidade e de menor tendência, pois sempre foi minha convicção de que pior que o Domingo Desportivo não era possível (...) Infelizmente, a decepção foi completa. (...)

Para desacreditar ainda mais este nefasto programa, foram acordar o sr. Joaquim Letria (...), que, talvez ainda ensonado, insinuou que tem inveja de não poder fazer os seus programas acompanhado também de duas desnecessárias (...) colabo-

1.1.3. 6 out.92: “Vamos fazer muito melhor que a RTP”

destaque 2 TERÇA-FEIRA, 6 OUTUBRO 1992

DESTAQUE



“Vamos fazer muito melhor que a RTP”

David Lopes Ramos

O grande dia para a SIC e para os telespectadores portugueses chegou. A televisão de Pinto Balsemão prometeu muito. Ver-se-á, a partir das 16h28 de hoje, se a fasquia não foi colocada demasiado alta. Na SIC, embora conscientes da existência de problemas, todos se mostram confiantes. Mas poderia ser de outro modo?

As 16h28 de hoje, os corações dos 260 trabalhadores da SIC vão bater mais forte, quando nos ecrãs surgirem as primeiras imagens do genérico e se ouvirem os primeiros acordes do hino da primeira estação de televisão privada portuguesa. A RTP, ao fim de 35 anos, passa a ter companhia, e os portugueses mais possibilidades de escolha. Mas só o futuro dirá se mais televisão significará melhor televisão.

Manuel Tomás, um realizador conceituado que a SIC foi buscar à RTP, onde trabalhava há 13 anos, não tem dúvidas de que assim será. “Somos um projecto de televisão de efectiva alternativa à RTP. É importante mudar os hábitos de ver televisão em Portugal e nós somos capazes de iniciar essa mudança. Seremos capazes de fazer acontecer televisão de uma forma diferente. A RTP, onde nunca tive o mínimo dos problemas, criou nas pessoas hábitos de ver televisão caracterizados por uma certa ausência de critérios.”

Na passada sexta-feira à tarde, antes de um fim-de-semana prolongado em que a actividade nas instalações da SIC, em Carnaxide, arredores de Lisboa, diminuiu para que hoje todos possam estar na sua melhor forma, Manuel Tomás era a imagem da tranquilidade, no meio de uma redacção onde a actividade era frenética.

“Estamos à vontade. A SIC reúne dos melhores profissionais que existem em Portugal na área do audiovisual. Há uma grande entrega e a consciência de que vamos devolver ao público a capacidade de poder criticar e de poder escolher. Começamos devagar, com calma, mas com a ideia de que podemos provocar grandes alterações da forma de fazer TV em Portugal.”

São cerca de sete horas diárias de emissão, em que a aposta fundamental será a informação. “Vamos fazer muito melhor que a RTP em termos de informação e já a partir de amanhã [hoje]”, declarou José Fragoso, um dos quatro coordenadores de edição da redacção da SIC. Embora admitindo que a qualidade “vai ter que subir muito”, Fragoso acrescentou que “as pessoas estão a adaptar-se bem” e que “as diferenças vão-se notar no ritmo da informação e na abordagem específica dos temas. Há uma grande preocupação quanto à qualidade da imagem”.

A preparação dos noticiários da SIC — dois intercalares às 16h30 e 18h30, o Jornal da Noite às 20h00 e o Último Jornal, perto da meia-noite — começa, todos os dias, às 10h00, numa reunião em que participam, além do director de Informação, Emídio Rangel, o director-adjunto, Gualdino Pare-

des, o subdirector, Alcides Vieira, os editores, Jorge Schnitzer (Desporto), Martin Cabral (Internacional), Luís Marques (Sociedade e Cultura), Perez Metello (Economia) e Carneiro Jacinto (Política Nacional), os coordenadores de edição, José Fragoso, Miguel Monteiro, Paulo Nogueira e José Alberto Carvalho, além dos responsáveis pela produção, grafismo e realização.

Neste esquema organizativo, os coordenadores de edição desempenham o papel de agentes de ligação entre as editorias e os meios operacionais, o que lhes dá uma visão de conjunto do que em cada momento está a ser feito, verificando o estilo das peças jornalísticas e, com a direcção, decidindo o alinhamento dos diferentes noticiários.

Como regra geral, o Jornal da Noite da SIC não terá convidados em estúdio, a não ser que a sua presença constitua por si só notícia. No Último Jornal, porém, já haverá convidados, pois trata-se de um espaço em que se procurará fazer, na expressão de José Fragoso, “a digestão dos principais temas da actualidade”.

“Cheira a novo”

Os dirigentes da SIC (Sociedade Independente de Comunicação, SA), em particular Pinto Balsemão, sócio maioritário e presidente do Conselho de Administração, e Emídio Rangel, têm deixado claro que o seu objectivo é “ganhar a batalha das audiências à RTP”. A partir de hoje ficarão prisioneiros desta estratégia, que os levou, também, de uma forma hábil, a criar um sentimento de grande expectativa em relação ao que vão fazer.

A guerra, no entanto, já começou há meses, quando a SIC iniciou a constituição da sua equipa. O tiro mais certo da televisão de Pinto Balsemão atingiu a RTP nas áreas da realização, operadores de imagem e montagem. José Eduardo Moniz tentou, com algum êxito, manobras de envolvimento na TSF (a rádio de Rangel), onde foi buscar alguns bons repórteres, recuperou Maria Elisa e, a semana passada, Miguel Monteiro, que regressou ao sector de Desporto da RTP depois de não ter aquecido o lugar na SIC.

Mas Emídio Rangel, apesar do ritmo infernal a que o lançamento da nova televisão em oito meses o tem obrigado — “um prazo digno de figurar no Guinness Book”, comenta, sorridente, Paulo Nogueira —, continua a assediá-la gente da RTP. A sua última aquisição foi a jornalista Isabel Horta, descontente com o que lhe davam a fazer na televisão estatal.

Pediú, há uns meses, para

PÚBLICO

1.1.4. 6 out. 92: "Vantagens e desvantagens de um projecto ambicioso";
Editorial "A pequena diferença"

deixar de fazer Contradições. Queria fazer reportagens. Integrada na "pool" da SIC — um grupo de jornalistas fora de qualquer editoria, que sairá para a rua sempre que necessário — é isso que fará. "E o que gosto de fazer", disse sexta-feira à reportagem do PÚBLICO. E, apesar de ser apenas o seu segundo dia de trabalho no antigo armazém de bananas agora transformado em instalações funcionais de uma estação de televisão, Isabel Horta já lhe tinha captado o cheiro: "Cheira a novo e a muito entusiasmo."

Nesse dia, que foi marcado por uma avaria no sofisticadíssimo e moderníssimo sector técnico que deixou preocupados os responsáveis da SIC e os fez apertar as medidas de segurança, o ambiente na redacção, apesar disso, era distendido. É que, no dia anterior, 1 de Outubro, com o início das chamadas "emissões de afirmação", os jornalistas tinham sentido "alívio" ao verificar que, afinal, podiam "ir para o ar".

Guadino Paredes, um reservado director-adjunto da Informação, partilhava o sentimento geral, embora a experiência de muito anos na RTP o levasse a pôr alguma água na fervura, chamando a atenção para "a falta de automatismos", que só se adquirem com o tempo, e para eventuais problemas de ordem técnica que podem surgir.

Em meteórica passagem pela redacção, Pinto Balsemão, olhando três gabinetes de montagem que ontem já estavam operacionais, mas sexta-feira não, desabafava: "Esta porcaria nunca mais está pronta!" Ao desabafo, porém, não se poderia atribuir grande significado.

Num dos gabinetes do vestíbulo das instalações da SIC estavam bem visíveis quatro caixas de Moët & Chandon, o champanhe francês com que hoje o patrão da nova televisão quer festejar o início das emissões. Não será demasiado para quase 300 pessoas, mas Pinto Balsemão não tem fama de ser um mãos-largas...

O ambiente nas instalações de Carmaxide, hoje, salvo o champanhe, tentará ser o mais aproximado possível de um dia normal de trabalho. Não foram feitos convites. Os jornalistas que quiserem fazer a cobertura do acontecimento ficarão confinados à cantina da SIC, sendo-lhes interdita a circulação pelas instalações. Telefonemas, só fora. Excepção, talvez, para os reporteres-fotográficos e para uma equipa da TV Globo, a grande parceira e, atendendo ao apoio técnico que tem dado à SIC, um pouco a parteira deste nascimento.

E um sinal de que as coisas, a partir de agora, na televisão de Pinto Balsemão, vão fiar mais fino é o aviso que se encontra logo à entrada: "Favor utilizar os tapetes para limpar os sapatos antes de entrar."

Cuidados excessivos? Provavelmente não. Porque, como escreveu Mário Castrim no "Independente", "o pior que poderia acontecer aos portugueses era uma desilusão". ■

As vantagens e desvantagens de um projecto ambicioso

Maria Augusta Gonçalves

São seis milhões de contos para o arranque da SIC, contra os 16 milhões de que a RTP dispôs no orçamento de 1992. Será a maior desvantagem da SIC. E, no entanto, há vantagens a considerar. A partir de hoje tudo é possível.

A expectativa gerada em torno da SIC, ao longo dos últimos anos, a sua

anunciada aposta na informação e a criação de uma equipa com cerca de duas centenas e meia de pessoas, empenhadas no projecto, desde o início, contam-se, decerto, entre as vantagens com que conta no arranque das emissões.

No entanto, estas podem ser também as desvantagens a enfrentar pelo novo canal de televisão. Uma é certa: o dinheiro. O investimento inicial da SIC eleva-se aos seis milhões de contos, e para o próximo ano prevê um orçamento de oito milhões. Somados os dois valores, ainda ficam distantes os 16 milhões de contos com que a RTP pôde contar no seu orçamento de 1992.

Na entrevista dada ao

PÚBLICO (24-9-92), o presidente da SIC, Francisco Pinto Balsemão, não coloca as verbas em paralelo. Lembra o facto de a estação ter apenas "200 e tal pessoas e menos horas de programação", ou seja, menos encargos do que a RTP.

Mas, ao mesmo tempo, reconheceu a relativa mobilidade da SIC, nos mercados internacionais de televisão: "Quando chegámos a Cannes", disse, "vimos que [a RTP] tinha comprado catálogos inteiros de produtoras só para evitar que nós comprássemos uma coisa ou outra." O poder do dinheiro.

A SIC tem a possibilidade de "fazer uma informação não tutelada, sem medo das notícias", disse o seu direc-

tor, Emídio Rangel; tem as imagens da CNN, da World Television News, da Visnews; tem a informação de Praça Pública, "tribuna" para os cidadãos; tem, sobretudo, séries norte-americanas, filmes e dois programas de informação.

Falta Porto falta desporto

Não tem uma redacção no Porto e depende da RTP para a aquisição de imagens de provas desportivas. As expectativas que lançou são um risco que aceita. "Um risco que corremos conscientemente", disse Pinto Balsemão. "A minha convicção profunda", continuou, "é que vamos fazer uma informação de acordo com os padrões profissionais e deontológicos que sempre me deram prazer e que correspondem, também, a uma obrigação."

Quanto aos programas, os responsáveis da SIC confiam no gosto dos espectadores, num processo de "fidelização" das audiências. Confiam em Guerras Conjugais, série da produtora de Steven Bochco, para combater os filmes de Spielberg que a RTP já anuncia para o Canal 1; na telenovela Teresa Baptista, contra o desenlace de Meu Bem Meu Mal; e no concurso de José Jorge Duarte. Responder à Letra, para bater a Roda da Fortuna de Herman José.

A seu favor tem a SIC as horas tardias a que o Canal 1 e a TV 2 estão a exibir a maioria dos seus filmes, das suas séries, dos espectáculos e dos programas de informação. Pode, assim, o canal de Pinto Balsemão transformar-se no que decidira rejeitar: a alternativa a telenovelas e concursos propostos pela Direcção da RTP.

As emissões experimentais, nos últimos dias, terão sido uma boa forma de arranque, no que respeita à criação do hábito do espectador em "passar por lá" e no lançamento da imagem de estação: os "spots", os "slogans", os "jingles" que ficam no ouvido; os rostos que, a pouco e pouco, se tornarão familiares >>

Editorial

Vicente Jorge Silva

A pequena diferença

A RTP perde hoje o monopólio da televisão em Portugal, com o começo das emissões da SIC. No início de 93, com o aparecimento da TVI, completa-se a anunciada revolução do panorama audiovisual português. Além dos dois canais públicos, os telespectadores passam a dispor de dois canais privados e, em princípio, de uma oferta maior de programas e de informação.

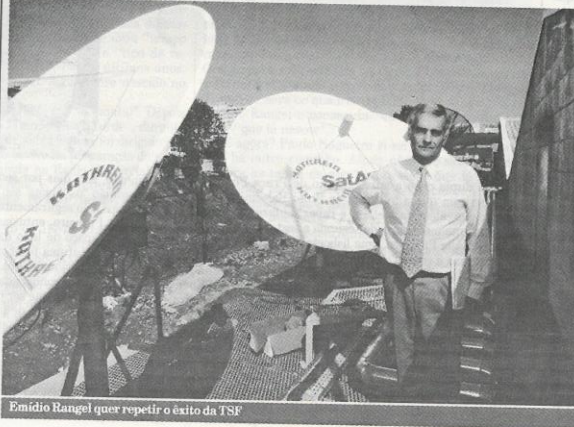
O fim dos monopólios representa um progresso para as sociedades e um avanço para as democracias. A concorrência introduz um factor de dinamismo e diversidade em relação à uniformidade imposta das escolhas — e isso é, indiscutivelmente, positivo. Além disso, a aventura de lançar canais privados de televisão num país com um mercado tão exiguo como o nosso constitui uma aposta arriscada e corajosa.

Reconhecer estes factos e saudar os protagonistas da aventura não significa, porém, que se mantenham ilusões excessivas sobre o futuro das televisões privadas em Portugal. Se há um sector da vida moderna em que a mera lógica concorrencial pode significar uma tendência para a mediocridade generalizada esse é, sem dúvida, o mercado da televisão. Em vez do aparecimento de alternativas e opções diversificadas de escolha de programas, conforme as apências de públicos diferentes, tem-se assistido ao triunfo de um padrão único com pequenas variações de estilo e ingredientes para consumo de um mercado público. A pluralidade teórica da oferta que a concorrência deveria permitir reduz-se a um mimetismo uniformizador, com base em meros critérios comerciais de conquista das audiências ou na ideologia única e demagógica do "gosto popular" que exclui qualquer vezeleidade de imaginação e criatividade.

A estratégia da SIC ao jogar numa marcação estrita da programação da RTP confirma esta tendência "unidimensional" do mercado televisivo. Não se procurou criar uma grelha alternativa ou apostar numa lógica concorrencial com base na diferença da oferta, mas disputar o mesmo público no mesmo terreno e no mesmo horário: o dos concursos, das novelas e dos filmes. Como os meios são claramente desproporcionados entre o orçamento imperial da RTP e os recursos limitados da SIC, as expectativas resumem-me, fundamentalmente, ao campo da informação. E aí que se espera e deseja a diferença maior — e não apenas uma maior vivacidade radiofónica. ■



Pinto Balsemão promete uma informação de acordo com rígidos padrões profissionais e deontológicos



Emídio Rangel quer repetir o êxito da TSF

1.1.5. 6 out. 92: “Estratégia da grelha”

Estratégia da grelha

MÚSICA, ENTRETENIMENTO e informação. É o que a grelha de programas da SIC tem para oferecer. Parte às 16h30 com aquilo a que Francisco Pinto Balsemão, em entrevista ao PÚBLICO, chamou o “enchimento da programação”.

A ideia é atrair um público mais jovem, na abertura. O espaço MTV pode garanti-lo. Quando do seu lançamento, em meados dos anos 80, com uma programação composta por “video-clips” e publicidade, dava origem ao espanto. Era o canal que fascinava Andy Warhol, pois entendia-o como a quintessência da televisão, reduzida ao seu essencial. As séries filmadas que sucedem à MTV — O Quinteto do Lado, Tracey Ullman Show, Aventura, Batman ou Elvis — servem para o manter.

O concurso Responder à Letra e a primeira novela, Plumas e Paetes, são o “truque”, também usado pelo Canal 1, para a abertura do “prime-time”. Pensa-se sempre nas pessoas que chegam a casa e ligam a televisão. E dá-se-lhes o mais imediato.

A informação é o bloco seguinte. Será a grande aposta da SIC, perante a RTP. E não admira que a tenha colocado em lugar de honra, com uma tão grande fatia, no seu horário nobre. É um bloco de uma hora, que começa com Praça Pública — um magazine onde a SIC pretende apresentar casos concretos das dificuldades que as pessoas sentem perante as autoridades —, segue com o Jornalouco e termina com o Jornal da Noite.

Às 20h30, a SIC oferece aquilo que a RTP faz há 15 anos: uma telenovela. Uma série filmada ou um filme dará origem à “programação de substância” da noite, o período do dia em que Francisco Pinto Balsemão também defende o espírito de “competição com o Canal 1, com os bons filmes ou com as boas séries ou com os bons programas de informação. Não nos resignamos à superioridade da RTP a partir da novela principal”.

O modelo da grelha repete-se de segunda a sexta-feira e mesmo ao domingo, embora aqui a emissão comece mais cedo — às 14h, com séries infantis e juvenis. Curioso será o fenómeno de sábado à noite, onde os filmes, as séries ou os programas de informação dão lugar à Luta Livre Americana, ao concurso Água na Boca (título português para o italiano Colpo Grosso) e a um telefilme que oscila entre as histórias de Perry Mason e os romances de Danielle Steel. Uma outra “substância”. ■ M.A.G.

1.1.6. 7 out. 1992: "Taco a taco"; "Aplausos para a equipa de reportagem da RTP"

SOCIEDADE

sociedade 20 QUARTA-FEIRA, 7 OUTUBRO 1992



A estreia da informação na SIC

Taco a taco

José Manuel Fernandes
 16h30, terça-feira, 6 de Outubro. Por uns minutos, onde quer que houvesse um televisor, o país pregou os olhos nas primeiras imagens da SIC. No primeiro bloco informativo. Depois, ao longo do resto do dia, a maior curiosidade continuou centrada na informação. Quer-se saber se a SIC cumpria a sua diferença. As 20 horas, exactamente no mesmo horário do Canal 1, foi para o ar o principal bloco informativo. O PÚBLICO viu-o em paralelo com o da RTP.

de, só por si, fizeram a diferença relativamente à RTP. Essa qualidade não seria, no entanto, acompanhada pela consistência informativa, já que, ali, o facto de ter mais serviços especiais em Luanda e de dispor de imagens mais recentes (nomeadamente as da conferência de imprensa dos generais da UNITA). A RTP beneficiou igualmente do facto de possuir um correspondente em Washington — que, aliás, assinaria ainda outra peça no mesmo bloco informativo. Em suma, quanto ao tema forte da actualidade informativa, a SIC foi capaz de mostrar melhores imagens, mas a informação prestada pela RTP foi mais completa.

Estendendo-se num terreno onde a disponibilidade de meios (enviados e correspondentes) não lhe era favorável, a SIC conseguiu, mesmo assim, dar um ar de sua graça. Já no segundo bloco do seu jornal, foi menos feliz, uma vez que enquanto o Telejornal conseguia entrevistar Alfredo Djalá, a SIC apenas bastava o processo de paz em Moçambique com imagens da chegada à Maputo de Joaquim Chissano.

A opção, no novo canal, de abrir com noticiário internacional — uma opção imposta pela actualidade do dia — deturpa para um segundo tempo os temas onde os jornalistas da SIC poderiam marcar maior diferença. E isso acontece logo no terceiro bloco informativo, dedicado à greve dos trabalhadores do Instituto de Medicina Legal. Ali, a nova estação teve um verdadeiro achado quando

pôs no ar a história do cemitério de Odemira e das condições em que se trabalha na sua manutenção, a mostrar como se pode fazer diferente.

Já o resto do seu "Jornal da Noite" acabou por parecer por ser essencialmente "de frígido", isto é, constituído por peças feitas com antecâmara e guardadas para esta ocasião. Entre elas, destaca-se uma pequena entrevista com Cavaco Silva que teve a virtude de ser realizada nas janelas de São Bento — um cenário não condizente com o estilo da RTP — mas que teve o defeito de aparecer como uma espécie de homenagem ao primeiro-ministro ao novo canal. Falhou, igualmente, a utilização de perguntas.

Antes disso, houve a divulgação de uma sondagem sobre as eleições nas Açores acompanhada, depois, por imagens de campanha recolhidas no último domingo. A RTP, por seu turno, realizou vários ligados directos com as ilhas e com os seus enviados no terreno.

A outra peça de relevo deste primeiro grande bloco noticioso da SIC tinha também algumas das: foi a reportagem sobre o regresso de Mourão ao futebol — o que faz com que fiquemos por saber como será realmente um "Jornal da Noite" de rotina da nova estação, quando as peças preparadas durante o ensaio da sua longa gestação se esgotarem. Para já, ficaram alguns sinais positivos. Mas também ficou a dúvida de saber se a informação da SIC vai ser realmente muito diferente da da RTP. Neste primeiro confronto, isso não sucedeu. ■

Nos bastidores da primeira emissão Aplausos para equipa de reportagem da RTP

APLAUSOS saíram na entrada de uma equipa da RTP na redacção da SIC, ontem de tarde, pouco depois de Alberta Marques Fernandes ter terminado o intercalar de notícias com que a nova televisão inaugurou as suas emissões. A equipa da RTP — Lourenço Medeiros, jornalista do Jornal das 9, da TV2, Manuel Patrício, operador, e Paulo Ferreira (assistente) — não se mostrou surpreendida. "Conhecemos muitos deles. Somos profissionais de televisão. Não temos nada a ver com certas guerras. É natural que tenhamos sido optimamente recebidos", comentaram os dois primeiros.

Momentos antes, as palmas, neste caso de todos os trabalhadores de todos os departamentos da SIC, tinham assinalado o fim do primeiro jornal e o nascimento da primeira televisão privada portuguesa. Houve também, como é costume, abraços e beijos, formulação de desejos de "boa sorte" para o futuro e comentários de alguns dos parciais.

Por exemplo, o brasileiro Paulo Barbosa, que trocou a TV Globo pela SIC. "Foi uma luta difícil, mas estamos aí". Ou do patrio Filipe Balsemão que, acompanhado dos restantes elementos da Administração, não perdeu a palavra: "Correu tudo bem. Muito bem. A festa? A noite? Isso é lá para a meia-noite".

É de Emílio Rangel, primeiro responsável pela Informação e Programação, enquanto afluente telegramas de felicitações, entre eles de David Borges, um amigo que deturpa à frente da TSF, e

de José Mário Costa, que se desligou do projecto antes de ele nascer. "Foi uma grande emoção. A SIC, no domínio da televisão, pode fazer a mesma que a TSF fez na rádio".

Alberta Marques Fernandes, como o anunciado, às 16h30, disse: "Boa tarde. Estudantes de luta contra propinas". Porque é que uma televisão que prometeu notícias novas sobre as suas emissões com um assunto já gastado? perguntou um dos muitos jornalistas que, na continuação das instalações da SIC em Caramade, arrastaram-se para o estúdio, a acompanhá-lo. Mas saiu do estúdio, a jornalista que ao primeiro microcâmbio respondeu: "É um assunto que diz respeito a muita gente, a muitos jovens deste País. As propinas estão na ordem do dia".

Num horário em que, presumivelmente, muita gente jovem sintonizara a nova televisão porque o programa seguinte é o das músicas da MTV, com Catarina Furtado, percebeu-se a excitação.

Mas "tava um boado nervoso", reconheceu. Depois, retomando o tema inicial: "Correu bem, correu bem, embora estivesse um pouco nervosa. Mas a primeira vez que estive ao microfone da Resacopa [de onde saiu para a SIC] estava mais nervosa". Um pouco deslumbrada com as manifestações de carinho que recebeu ao entrar na redacção, deixou escapar: "Foi um momento muito especial, tanto mais que sou tão nova. Tenho 24 anos".

Emílio Rangel respondeu a outras observações, designadamente sobre a quantidade de pu-

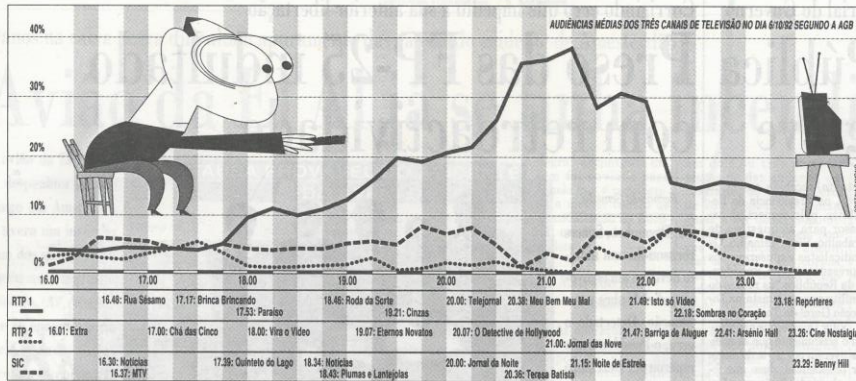
blicidade na emissão inaugural: "Preferimos depender da publicidade do que do Estado ou da Igreja". Voltou, por outro lado, a acusar a RTP de ter impedido a transmissão para Portugal das reportagens de uma equipa da SIC que está em Angola. Na sua versão, os responsáveis da televisão estatal deram indicações à TPA (Televisão Popular de Angola) para que não enviassem, através da estação de feios heretizantes instalada pela RTP em Funchal, as imagens da nova televisão. "Deixaram passar todos os sinais de todas as televisões que estão em Angola, menos os da SIC", disse, mas recusou-se a revelar como conseguiu furem o bloqueio.

Só "alguma excitação", como reconheceu o realizador Manuel Tomás, o momento da segurança nas instalações, o bolo da Pastelaria Neus, casa das rendondezas onde muitos trabalhadores da SIC costumam comer, a desparar os "maiores sucessos", e os nomes de ruas que se iam amontando na recepção — tudo correu como o previamente anunciado. A nova televisão nasceu no dia anunciado. Os números sobre as audiências da estreia estavam em análise já depois do fecho desta edição. É natural que não sejam desmatimados. Pelo menos da Assembleia da República a SIC fez o pleno: as comissões especializadas que ontem se reuniram interromperam os trabalhos às 16h30 para os deputados assistirem ao arranque das emissões. ■

David Lopes Ramos



1.1.7. 8 out. 92: "Longe do canal 1, melhor que a TV2"; "Moniz responde a Rangel"



Moniz responde a Rangel

O DIRECTOR coordenador de Programas e Informação da RTP, José Eduardo Moniz, considera que a estreia da SIC "foi uma emissão normal, sem grandes novidades, um bocadinho decaída na qualidade que é o esquema de programação normal já ensaiado há vários anos na RTP".

O comentário de Eduardo Moniz foi solicitado por o PÚBLICO, que também o confrontou com as acusações que lhe foram feitas pelo director da SIC, Emídio Rangel, sobre as instruções que teria dado para Angola a proibir a utilização, pelos enviados da nova televisão, da estação de feixes herztianos montada pela RTP. "A essa acusação — disse — respondo com uma pergunta: Porque razão a SIC não levou meios de transmissão iguais aos nossos para Angola, tendo-os em seu poder?"

Em relação aos Açores, em que a RTP, segundo Rangel, alugou todo o tempo disponível do satélite que permite a transmissão do sinal para o Continente bloqueando, desse modo, a possibilidade da sua utilização pela SIC, Moniz foi igualmente laconico: "O nosso trabalho é perfeitamente normal, tendo em conta o que é habitual fazer-se sempre que há eleições nas Regiões Autónomas". E concluiu: "Não quero envolver-me em qualquer polémica sobre esse assunto, que só visa, naturalmente, a obtenção de publicidade e de notoriedade" por quem o suscita. ■ D.L.R.

Primeiros índices de audiência da SIC

Longe do Canal 1, melhor que a TV2

Luis Pedro Nunes

A SIC tinha colocado como meta bater-se taca-a-taca com o Canal 1. Para já está a bater-se com a TV2. E se as audiências dos programas de informação foram escapatórias, as das telenovelas foram um desastre.

No primeiro dia de emissão, a SIC terá sido vista por dois milhões duzentos e setenta e um mil portugueses. Mas, em nenhum momento a sua audiência se aproximou do Canal 1. "Taco-a-taco", para utilizar uma linguagem querida à estação de Balsemao, só com a TV2. E aqui, de facto, a SIC saiu vencedora. Mas foi fraca consolidação para quem quis visar directamente, e de imediato, o Canal 1.

O auditório da SIC concentra-se quase exclusivamente na área de Lisboa, Porto e Litoral (96 por cento), muito embora a Teledifusora de Portugal, que emite o sinal, garanta que a SIC pode actualmente ser vista em 65 por cento do território, correspondente a 80 por cento da população.

Segundo os dados da Marktest, a SIC consegue o seu melhor desempenho muito perto do final do seu principal noticiário, nomeadamente no período que corresponde aos blocos que antecedem o início da telenovela "Meu bem, meu mal", no Canal 1. Esse pico equivale a 7,3 por cento dos 5,874 milhões de telespectadores possíveis nas áreas de Lisboa, Porto e Litoral.

Em relação ao público do noticiário principal da SIC,

constata-se que é essencialmente constituído por homens, pertencentes à classe alta (respectivamente 6,3 e 7,4 por cento da audiência total possível nas referidas áreas).

Os resultados da Ecotel, outra empresa de audiometria (método que analisa as audiências a partir de aparelhos-emissores colocados em televisores e que reflectem o universo total de espectadores) são basicamente semelhantes, indicando esta empresa também as quotas de audiência de cada canal, isto é, a forma como os telespectadores se dividiram pelos diferentes canais.

Analisando os dados da Ecotel, o "Jornal da Noite", das 20h00, é o grande momento SIC. Entre as 20 e as 20h30, a SIC oscila entre os 26 e os 21 por cento de todos os televisores ligados. Simultaneamente, o Canal 1 anda na casa dos 70 por cento. Até próximo da novela. Quando esta começa o primeiro canal de Moniz é catapultado para os 90 por cento. A TV2 fica-se pelos três por cento.

Mas, tanto ou mais importante é a leitura feita pelo publicitário. A Optimédia, uma das sete empresas que domina o espaço publicitário em Portugal, constatou "que se mantiveram os elevados níveis de audiência da RTP (quase intocáveis na hora da sua telenovela da noite) e resultados aquém das expectativas do novo canal SIC, o que fez elevar bastante os custos por contacto desta estação". O estudo conclui que "o custo por contacto da telenovela "Teresa Batista" (SIC) é mais de 10 vezes superior ao da sua concorrente da RTP Canal 1". Maus augúrios...

Optimistas e pessimistas

Embora a AGB/Marktest tenha enviado para a SIC, logo pela manhã, os dados em

bruto, e posterior leitura dos dados durante a tarde, foi através dos jornais e da rádio que a redacção tomou conhecimento da audiência do primeiro dia. Decepção para os optimistas, que esperavam "arrasar" logo no arranque, nomeadamente no "Jornal da Noite", suspiro de alívio para os pessimistas, receosos essencialmente das dificuldades de emissão; e realistas que defendem estar (ainda e só agora) tudo em jogo: não se trata apenas da questão do "país da SIC" não corresponder à totalidade do território nacional como — e para tal

bastou um telefonema para conhecidos que habitam longe das grandes cidades — "ainda não se espalhou a boa nova em todo o lado". Espera-se, aliás, que o "boca-a-boca" consiga mais sintonias no canal do que as aparentemente complicadas explicações em jornais e revistas.

Olhando para os gráficos constata-se que a telenovela do Canal 1 em "prime-time", neste caso "Meu bem, meu mal", provoca um grande "rombó" tanto na SIC como na TV2. O bom senso leva a deduzir que não é apenas o facto de se tratar de uma tele-

novela, ou desta telenovela, mas sim de uma questão fidelidade e de interesse no desfecho do enredo (o que, naturalmente, seria previsível: a telenovela da Globo, aliás, foi emitida no Brasil em concorrência com telenovelas de outros canais). Se este pressuposto é aceite com naturalidade já a estratégia da SIC foi pensada deste modo: "Teresa Batista", não é uma telenovela, mas sim uma mini-série. E não será por coincidência que a SIC irá começar a emitir uma, quando a RTP também estiver nos capítulos iniciais de outra. ■

A HEWLETT PACKARD DESCOBRIU A RELAÇÃO ENTRE O PREÇO E QUALIDADE

A EURO-D OFERECE-LHE UM

PC HEWLETT PACKARD - VECTRA 386/25N

COM MONITOR SUPER VGA POLICROMÁTICO

239.900\$00 + IVA

OFERTA DE:

- 1- MS-DOS 5.0
- 1- WINDOWS 3.1
- 1- RATO HP MINI-DIN
- 1- CX DISKETTES 2HD

UN ANO DE GARANTIA

REVENDEDOR AUTORIZADO

AV. DE FORTES 3, Edifício Satélite I
CARNAXIDE, 2795 Lisboa e Vello

Uma TV “culturalmente moderna”?

SENDO uma novidade (das raras) relativamente ao que estamos habituados a ver na programação televisiva, sendo uma rubrica de informação livre relativamente aos imperativos da actualidade onde — dizem os apresentadores — “se cruzam histórias que não fariam uma notícia”, podia esperar-se da “Praça Pública” (programa de meia hora que antecede o Jornal da Noite da SIC) uma boa dose de frescura, de inesperado e de polémico. Não foi assim, todavia.

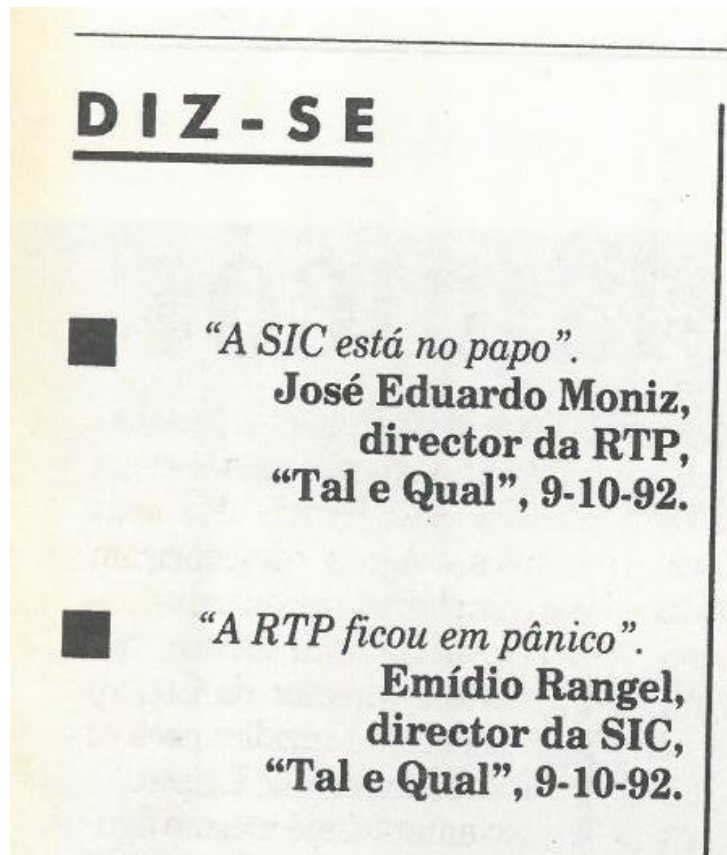
Os dois temas fortes de reportagem que o programa apresentou não podiam ser mais banais nem mais estafados e podiam, se tratados com mais ritmo, figurar em qualquer jornal televisivo. A reportagem sobre a seca no Alentejo não nos trouxe um único elemento de novidade nem sequer particularizou sobre os seus reflexos na vida quotidiana de um qualquer personagem para, pelo menos, estabelecer uma diferença. A fábrica-escola Irmãos Stephens da Marinha Grande, emblemática de outros tempos e outros dramas, tem muito pouco a ver com os tempos actuais e o país actual. Foi outra reportagem banal, que podíamos ter visto hoje ou há dez anos atrás, ali ou noutra sítio qualquer, desenhada no molde habitual de qualquer “peça” de programa informativo. A estas duas situações — que, independentemente dos tristes casos humanos que possam retratar, não são a imagem do país —, a “Praça Pública” ainda juntou a incontornável história das barracas dos arredores de Lisboa. Tudo somado, uma razoável dose de miserabilismo nacional numa embala-

gem “neo-realista”. A tirada final do repórter que contou a história da seca alentejana (qualquer coisa como “as paredes faustosas da nova sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo” que é o novo “grande proprietário das herdades alentejanas”) atingia sonoridades de Steinbeck... Tudo, afinal, ao contrário da televisão “culturalmente moderna” prometida pelos responsáveis da nossa primeira televisão privada. Ou seja, mesmo que se leve em conta que Portugal não é — tão longe disso... — um país “culturalmente moderno”, é, pelo menos, um país urbano, a viver as consequências e as contradições do assinalável desenvolvimento dos últimos anos, gerador de novas vivências, novos problemas, novas injustiças, novos direitos, novos desafios, novas situações.

Quanto ao “Jornalouco”, diga-se, em primeiro lugar, que as expectativas eram menores, a avaliar pelo programa equivalente (tem o mesmo autor, Artur Portela) transmitido nas manhãs da TSF. Mesmo assim, houve lugar para algum desapontamento. Os “bonecos” de Soares e de Cavaco são maus. Os diálogos demasiado óbvios e com pouca graça. Mesmo que se aceite — o que é discutível — que a escolha da “charge” à RTP de Moniz seja a mais acertada para a primeira emissão. Nada comparável, por exemplo, ao “Cocas-Mitterrand” da TF 1.

De resto, uma apresentação sóbria e cuidada, a revelar, no entanto, o excessivo treino radiofónico dos dois apresentadores. ■

Teresa de Sousa



A semana zero do PAP

Desilusão — Muita gente ficou desiludida com a semana zero do novo Panorama Audiovisual Português (PAP). Sem razão. Em 1990, compreendiam-se as ilusões acerca de uma possível missão libertadora da televisão, suposto instrumento de educação, de difusão cultural e de criação artística. Em 1990, não faz sentido colocar tão alto a fúscula. Vinculada à lógica da maximização das audiências, a nossa televisão é "societal" e de "divertimento" correspondente, essencialmente, conforme disse alguém, ao "estado normal de poluição de imagens em que vivemos".

Como diria o Senhor de La Palisse, nada mais parecido com um canal comercial público do que um canal comercial privado. Nada mais semelhante a um telejornal de grande audiência do que outra televisão brasileira. Nada mais igual a uma telenovela brasileira do que outra telenovela brasileira. Nada mais idêntico a uma série americana do que outra série americana. E — "last but not least" — nada se assemelha mais a um concurso televisivo do que outro concurso televisivo...

A grande curiosidade reside na área da informação. Afinal, terminou o monopólio do serviço público. A definição da notícia audiovisual deixou de ser tarefa exclusiva da RTP. As expectativas acumuladas, ao longo de mais de trinta anos de informação oficiosa, dificilmente teriam cabido correspondência no arranque da SIC, por brilhante que fosse. Nem é possível avaliar, plenamente, após mais-dúzia de telejornais, o efeito SIC na área da informação.

Neste quadro, detámo-nos, apenas, algumas anotações à margem de uma inauguração de pompa e circunstância, embora com a sabedoria de disfarçar o lado ritual das coisas sob o lema da informação (Cavaco Silva no "Jornal da Manhã") ou do debate político (Mário Soares na "Conta Corrente").

Autocelebração — O dia 6 de Outubro não assinalou, apenas, o fim do monopólio televisivo. Transformou-se no Dia de Acção de Graças da Televisão. A televisão autocelebrou-se. A SIC festejou-se a si própria. A RTP viu na SIC o pretexto para relembrar as imagens heróicas das emissões experimentais da Feira Popular. As equipas da RTP foram vibrantemente aplaudidas quando entraram na redacção da SIC. Viva a televisão!

Quem observa o ritual sem participar fica sempre em posição incómoda... como quem assiste à missa e não participa ou quem vai ao baile e não dança. O leitor não celebrou com champagne o primeiro serviço noticioso da SIC? Não se emocionou q.b.? Vai arrependê-lo para o resto da sua vida...

Cadáveres — O canal novo-novo e o canal novo-velho realizaram, logo no primeiro dia, em matéria de cadáveres. Serviram-nos frios, como mandam as regras. Logo no primeiro dia, a greve no Instituto de Medicina Legal ofereceu-lhes a possibilidade de fornecimento ao domicílio de meia-dúzia de cadáveres devidamente frigorificados. A SIC, descontente com a dose lisboeta de macabro, encomendou mais uns quantos, em estado de decomposição adelantada, no cemitério de Odemira. A presença de insectos atestava o realismo da cena. Dezoito valores na escala do macabro?

Caras — Poucas caras novas na nova televisão. Os apresentadores dos principais telejornais — José Alberto de Carvalho e Paulo No-

gueira — já eram conhecidos. São sóbrios, discretos e certinhos. Contrastam radicalmente com o estilo apelativo (será a palavra?) de Manuela Moura Guedes. Novidade foi Alberta Marques Fernandes que desempenhou, com brio, o papel de Vera Lagoa, da SIC. Com direito a beijinho ritual de Balsemão, a quem — oh, injustiças do mundo! — ninguém chama "supon-paíra" (título reservado à personagem central da telenovela chamada RTP...

Circularidade — Dizem que os novos "meia-dia", na fase de gestação, copiam os "meia-dia" mais antigos. O livro impresso reproduziu os requintes do livro manuscrito. Os primeiros jornais decalaram o formato dos livros impressos. A rádio recorreu ao "jornal falado" e ao "teletrofone". A televisão, na fase heróica, era quase ridículo filmada...

O primeiro canal privado nasceu, em Portugal, sob inspiração radiofónica. Ou melhor: da reanimação radiofónica introduzida pelo movimento das rádios locais no final dos anos 80. A musa inspiradora chama-se TSP. O director-fundador da TSP governa — informação e programação — a jovem SIC. Mas a RTP, pelo seu lado, começou também a copiar a SIC, antecipando o seu nascimento: é ver os jornalistas ex-TSP que surgem, recém-libertos do nevoeiro da invisibilidade radiofónica, nos noticiários da 5 de Outubro.

Claro, rádio e televisão recorrem a linguagens diferentes, apelam a qualidades distintas, exigem estratégias próprias. No entanto, a inspiração fundadora do canal de Balsemão é "a dinâmica" da estação de Rangel. SIC-TSP-RTP, o mesmo combate. O combate da inovação, da competição, do sucesso, explicam-me. Ocalá a inovação não se reduza à capacidade de transformar o nada em notícia...

"Correio da Manhã" — ...justo prestar-lhe homenagem nesta semana em que o "fait divers" foi entronizado pela informação televisiva. Agora, quando folheio o "Correio da Manhã", deparo com um jornal sóbrio e contido. Se a escalada do sensacionalismo televisivo continuar, o diário de Vitor



Mário Mesquita

Agora, quando folheio o "Correio da Manhã", deparo com um jornal sóbrio e contido. Se a escalada do sensacionalismo televisivo continuar, o diário de Vitor Direito e Carlos Barbosa vai parecer-nos tão denso e livre como o "Times" ou o "Frankfurter Allgemeine Zeitung".

que deseja guardar as distâncias. Questionar Soares-rei, numa entrevista-ritual, não é tarefa invigável, mesmo para uma profissional experimentada como Margarida Marante. Segura, preparada, a jornalista, sem poupar o Presidente a perguntas incómodas, preferiu a estratégia da contenção. Seria difícil, no contexto, outra opção. Um bom exercício para estudantes de jornalismo: cotejar a entrevista de Marante — anos 90 a Soares — monarca com a(s) esquecida(s) entrevistas Marante — anos 80 a Soares oposicionista ou governante... Se a memória não me trai...

O dispositivo do programa "Conta Corrente" (paga direitos de autor à Vergílio Ferreira?), com o convidado surpresa no final, é interessante, sem ser inovador. Intervenção segura e contundente da nova estrela da direita, Manuel Monteiro, paternalmente acolhido pelo monarca de Belém.

Entrevista II — "Não escolheria, com certeza, a televisão que ontem iniciou os seus passos para atacar agora aqui a televisão pública", esclareceu, elegante, o Presidente Soares. Ao longo da entrevista, e com vista a comprovar a relativa eficácia da mensagem presidencial sobre a RTP lem-

breu os tempos em que os comentários políticos eram, pluralisticamente, repartidos entre "um membro do antigo regime" (ou seja: o embaixador Franco Nogueira) e "um comunista" (ou seja: Miguel Urbano Rodrigues).

Entrevista I — Esta semana tivemos o Presidente Soares "chez" Margarida Marante". Soares esteve soberano, distendido, à-vontade. Permitiu-se, com requintes de ironia, elogiar Cavaco, porque "como político fez muitos progressos".

A entrevista revestiu-se de duplo significado simbólico: a suave bênção do Presidente da República ao novíssimo canal; e regresso aos ecrãs da jornalista maltratada pela RTP. Discreto, hábil, tranquilo, Soares sandou a "resparição" da sua entrevistadora, aparentemente embaraçada pelo presidencial elogio — honroso, mas demasiado cimplice na perspectiva da jornalista

brou os tempos em que os comentários políticos eram, pluralisticamente, repartidos entre "um membro do antigo regime" (ou seja: o embaixador Franco Nogueira) e "um comunista" (ou seja: Miguel Urbano Rodrigues). Sucede que, por ironia, o "Jornal da Noite" da SIC — a avaliar pelas primeiras emissões — suprimiu, pura e simplesmente, os comentários em estúdio, provavelmente em nome do "ritmo" e imprimir no decurso do telejornal. Vimos ter Dupont comunista, que, sobre os destroços de vários cataclismos históricos, comungava o temor da emergência alemã.

História I — A história contemporânea, no programa "Repórteres", de Artur Albarán, é tratada ao mesmo nível das "estórias" de "fait divers": seja de violas, violações e outros capítulos directamente importados do "Jornal do Incrível".

A entrevista-pangéirico do filho de Casimiro Monteiro passou impune pela RTP sem o acompanhamento de qualquer comentário crítico, sem cotejo com outras fontes, nem qualquer informação acerca da contradição entre a sentença do tribunal que julgou o caso e o testemunho (por ouvir dizer) de Monteiro-filho e indigno-não muito gente.

Ao que me parece, este estranho episódio não caiu do céu aos trambolhões, por mero acaso. Surgiu na sequência do tratamento do caso Delgado no programa "Geração 60", de Diana Andringa, onde o ex-inspector Pereira de Carvalho, espécie de "tecnocrata da Pide" (salvo seja), explicava a sua "hipótese": excesso de zelo de uma facção da polícia política que, desejosa de mostrar serviço, pretendeu prender o general oposicionista; "incidente" no terreno que conduziu ao assassinio, encobrimento da acção policial pelo Governo de Salazar...

Na sua estratégia da citação, Diana Andringa contrapôs ao testemunho de Pereira de Carvalho o discurso autoritário, na época, por Salazar, na sua vozinha autoritária e hipocrita, responsabilizando a oposição e absolvendo os tortionários de serviço ao regime. Acresce que Pereira de Carvalho se referia a Casimiro Monteiro em termos pouco abonatórios. Enfim, mesmo na TV2, fora de horas, este depoimento foi um escândalo inadmissível nesta televisão ciosa da sua origem salazarista...

História II — Iva Delgado, na qualidade de filha do general, invocou o direito de resposta, face às declarações do filho do falecido pido Casimiro Monteiro. Recusou-se, no entanto, a usá-lo no quadro do programa de Artur Albarán. Significa isso que renuncia ao exercício do direito que lhe assiste, conforme a RTP, lesta, terri concluído, assim se desobrigando perante a opinião pública?

Não concordo com esta interpretação sectária. Iva Delgado tem direito a ser ouvida pela RTP, num espaço neutral, onde, sob a arbitragem de um jornalista alheio à saga confrontado com o do autor da reportagem. De preferência, na presença de um dos advogados do caso Delgado e de um historiador da época contemporânea.

"Jornal da Noite" — Os principais dogmas da informação, imamente partilhados pela SIC e pelo Canal 1, são o ritmo, a velocidade, a espectacularidade. Tal como na mão-TSP, coexistem, na SIC, as notícias e as "estórias". As "estórias" são, por vezes, engraçadas (sinagoga de Tomar, Grande Loja Regular de Portugal, "hold up" de campanário a abrir o terceiro "Jornal da Noite"), mas as notícias carecem, frequentemente, de contextualização ou de explicação. O espírito do "jornalismo investigativo" ainda não chegou à SIC.



Os principais dogmas da informação, partilhados pela SIC e pelo Canal 1, são o ritmo, a velocidade, a espectacularidade. Tal como na mão-TSP, coexistem, na SIC, as notícias e as "estórias". As "estórias" são, por vezes, engraçadas (sinagoga de Tomar, Grande Loja Regular de Portugal, "hold up" de campanário a abrir o terceiro "Jornal da Noite"), mas as notícias carecem, frequentemente, de contextualização ou de explicação. O espírito do "jornalismo investigativo" ainda não chegou à SIC.

1.1.11. 11 out. 92: “Prova de fogo para RTP e SIC”

Prova de fogo para RTP e SIC

A COBERTURA televisiva das eleições regionais poderá transformar-se no primeiro grande despique entre as televisões estatais e o novo canal privado. E se as ambições da TV2 parecem ser mais modestas, tanto a SIC como o Canal1 estão a preparar-se para, logo à noite, arrasarem. Mas uma outra guerra será travada: a das rádios.

A SIC pretende resolver a questão em 60 minutos. Tudo no jornal das 20 horas. E só voltará ao tema, olhando-o como passado, no último serviço informativo, por volta da meia-noite. Em estúdio, contam com a presença dos convidados especiais Pacheco Pereira e José Magalhães para comentarem o desenrolar dos resultados. Prevista está a divulgação de uma sondagem feita à boca das urnas pela Euroexpansão. A grande aposta será os Açores, de onde Augusto Madureira entrará em directo. Dos Açores, o novo canal conta também com a presença dos líderes das duas principais campanhas: Mota Amaral e Mário Machado. Já a Madeira é relegada para segundo plano. Está programada apenas uma peça da autoria de António Cancela, a partir do Funchal.

Também o Canal1 conta abrir o Jornal de Domingo poucos segundos antes das 20 horas para divulgar uma projecção dos resultados da Madeira elaborada pela Universidade Católica. Os Açores ficarão para mais tarde, uma vez que devido à diferença horária as urnas açorianas só fecharão às 21 horas continentais. Nos estúdios pretendem ter também comentadores e endereçaram convites a Nuno Rogeiro e a Vicente Jorge Silva. Contam com directos quer da RTP-Madeira, quer da RTP-Açores. E prevêem colocar no ar reacções das regiões, das sedes de campanha e dos partidos políticos com assento na Assembleia da República. Pretendem prolongar o noticiário ou voltar à antena com nova informação sempre que o desenrolar dos apuramentos o justifique.

Mais modestas são as ambições da TV2. O Jornal Nacional terá uma hora e será dedicado sobretudo às eleições açorianas. Não excluem, porém, a divulgação de projecções.

A TSF arranca com a sua emissão especial às 19h30 e só terminará quando tudo estiver decidido. Em estúdio, Carlos Andrade encarregar-se-á da coordenação e ao seu lado como comentadores estarão o açoriano Mário Mesquita e o madeirense Paquete de Oliveira. Anunciam vários directos de Rui Gomes e de Alexandre David, a partir da Madeira, e de Fernando Alves e José Almeida, a partir dos Açores. Anunciam igualmente entrevistas com os líderes regionais.

A Antena1 promete que as suas delegações dos Açores e da Madeira estarão muito activas. Aliás será a elas que caberá assegurar muita da informação. Às 20 horas, a RDP-Madeira entrará em directo em todo o território nacional, à excepção dos Açores, onde então ainda decorrerá o acto eleitoral. No Funchal, a Antena1 terá enviados especiais em todas as sedes de campanha e emitirá também projecções. Às 21 horas, entrará em directo a RDP-Açores, agora já para todo o país, com projecções respeitantes àquela região e a repetição da receita madeirense. Às 22 horas param e só à meia-noite voltarão, para dar resultados finais e ouvir reacções quer dos partidos regionais quer dos nacionais. A grande aposta da Antena 1 parece ser uma conversa em directo entre os vencedores em ambos os arquipélagos. ■

Clubes garantem SIC não entra nos estádios

OS RESPONSÁVEIS do Famacão, Tirsense, Braga, Espinho e Paços de Ferreira anunciaram que vão impedir a SIC de recolher imagens dos jogos de futebol disputados nos seus estádios. "Vai ser respeitado o acordo entre a Liga Portuguesa de Futebol Profissional e a Olivedesportos", afirmaram os dirigentes daqueles clubes nortenhos, referindo-se à venda do exclusivo das transmissões de três minutos dos jogos nacionais e estrangeiros àquela empresa, que por sua vez o vendeu à RTP.

A direcção da Liga, presidida por Valentim Loureiro, reafirmou entretanto a sua posição. "A RTP dispõe em exclusivo dos direitos do acordo celebrado entre a FPF e a Liga dos Clubes, assente num protocolo celebrado com a empresa liderada por Joaquim Oliveira (Olivedesportos)", lia-se num comunicado enviado ontem à agência Lusa.

No comunicado, a Liga respondeu ainda ao cavalo de batalha da SIC, o direito à informação num espectáculo público, afirmando que ao abrigo do artigo 16º da Constituição Portuguesa, que determina que "os operadores que obtenham direitos exclusivos para a transmissão (...) devem colocar breves sínteses dos mesmos, de natureza informativa, à disposição de todos os serviços televisivos interessados na sua cobertura, sem prejuízo da contrapartida correspondente", aquele direito não fica prejudicado.

A Liga invocou também os Estatutos da UEFA, "que estabelecem que os clubes detêm o direito para a concessão da autorização da difusão (...), das manifestações que se desenvolvem no âmbito daquela entidade".

Contactado pela agência Lusa, Jorge Schnitzer, editor desportivo da SIC, afirmou não ter sido "apanhado de surpresa" pela decisão dos clubes nortenhos, e confirmou a intenção da SIC, "de acordo com a Constituição Portuguesa", de enviar os seus jornalistas e câmaras de televisão aos estádios, para recolher imagens. Jorge Schnitzer afirmou ainda que aquela estação "não tem qualquer estratégia definida" para responder, se se verificar o bloqueio das suas equipas de reportagem. ■

PÚBLICO/Lusa

Peneira SIC

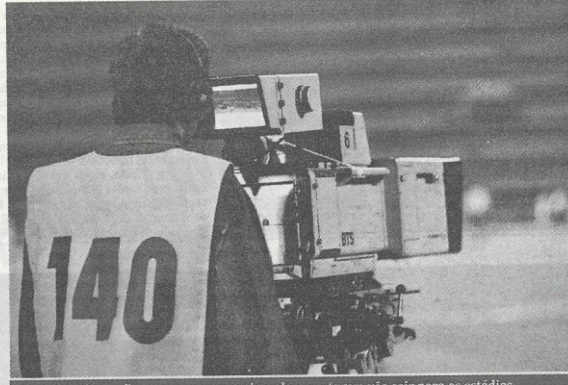
A cobertura das eleições regionais nos Açores teve já um cheirinho a guerra entre as televisões, com as câmaras da RTP e da SIC a colidirem em busca da melhor imagem, atropelando tudo o que estivesse à frente. Mas o prémio “limão” vai inteirinho para o jornalista da SIC encarregue da cobertura eleitoral açoriana. Uma verdadeira vedeta internacional da comunicação social, de nome Augusto Madureira (conhecem?). Nas noite das eleições, a SIC garantira uma entrevista em directo com João Bosco Mota Amaral. Os restantes jornalistas presentes na sede do PSD, em particular os dos jornais do Continente cuja hora de fecho não permitiria apanhar a conferência de imprensa oficial do vencedor, pediram então ao jornalista da SIC que os deixasse assistir à entrevista, que era emitida em directo, portanto, sem prejudicar a “catcha” da nova emissora televisiva. Resposta (uma “nega”) do genial informador: “Não tenho ordens de Lisboa!” Simpática RTP...

SIC e RTP em luta pelas transmissões de futebol

O desafio são as audiências

António Melo
com Nuno Ribeiro*

A SIC é peremptória: a "Liga não tem o direito de nos proibir a entrada nos estádios". Hoje, além do Sporting-Benfica, que transmitirá em directo, promete outras reportagens. A RTP, que tem contrato de exclusividade com a Liga, via Olive-desportos, diz que não é assunto seu. Mas usa as mesmas armas para "espreitar" em Alvalade.



Jorge Schnitzer afirma que as suas equipas de reportagem vão sair para os estádios

A SIC não diz que a RTP mente, mas garante, documentos em apoio, que no passado dia 12 enviou para a 5 de Outubro uma resposta às propostas da estação pública quanto aos resumos dos acontecimentos desportivos de que esta tem o exclusivo de transmissão. É a Lei da Televisão (art.º 16º), que obriga a RTP a "colocar breves sínteses" dos "eventos" de que "obtenham direitos exclusivos" à disposição dos outros operadores.

A RTP, porém, limita-se a dizer "esperamos uma contra-proposta" e esquivou-se a esclarecer se recebeu ou não uma carta da SIC datada de dia 12 de Outubro. A atitude pode não ser elegante, mas a RTP está no seu direito: não estabeleceu a SIC contratos com o Sporting e o Porto para a transmissão de alguns jogos? Ela fez o mesmo com a Liga dos Clubes (via Olive-desportos): para todos os estádios e todos os jogos do campeonato. Embora a SIC conteste à Liga o direito de passar um tal contrato, a verdade é que Federação Portuguesa de Futebol, entidade a que apelou para "meter na ordem" a Liga de Valente Loureiro, não se pronunciou. E que "quem cala consente".

Jorge Schnitzer, editor do Desporto na SIC, afirma que as suas equipas de reportagem vão sair este fim de semana para os estádios "para fazer o seu trabalho", sublinhando que a Liga não é dona dos estádios. O departamento jurídico modera esta "acutilância". Mantém que a Liga não pode proibir o acesso aos estádios, mas reconhece que se for o clube a tomar essa atitude, então há um direito de proprietário que é preciso respeitar, mesmo não estando de acordo com ele. Citando Oliveira Ascensão, autoridade portuguesa em matéria de direitos de autor: "não o poderio fazer sem autorização do empresário". Ora o empresário é a direcção do clube, aja ou não de acordo com os supremos interesses da colectividade de utilidade pública que dirige.

Porém, se a SIC tem que se vergar ao poder dos clubes, também pode exigir idêntico comportamento à RTP e, nesse aspecto, o que amanhã ocorrer em Alvalade deve fazer lição.

O departamento jurídico da SIC é taxativo: "já notificamos o Sporting que deve cumprir o contrato que estabeleceu em Agosto e pelo qual a SIC pagou a pronto e atempadamente". Quer isto dizer que está disposta a permitir à RTP a colheita de imagens para um resumo de três minutos. Opõe-se, porém, que a coberto de um contrato que contesta (com a Liga) a RTP instale oito câmaras em Alvalade e proceda a um resumo alargado de 15 minutos.

Porém, ontem, ao fim da tarde, a RTP deslocou para Alvalade as oito câmaras e de lá não as retirou. Espera — diz — que a SIC coloque primeiro o seu equipamento.

Guerra dos estádios

A "guerra dos estádios" chegou a Portugal. O assunto move milhões — em contos e pessoas — em todos os países e já chegou ao satélite, com o combate entre Eurosports e Screensports.

"Ordem no estádio", reclamam os operadores televisivos que legislações várias deixaram à porta. "Protestam sem razão, tivessem acordado mais cedo", responde quem, ciosamente, conseguiu comprar todos os lugares do estádio só para si.

A questão é essa: há direito de alguém reservar um espectáculo só para si? O carácter público, inerente a qualquer espectáculo, não se perverte quando só um é que a ele assiste?

A resposta a estas questões ainda vai fazer scroor tinta e (muito) dinheiro em Portugal e noutros países comunitários. É que as posições estão sempre alternar-se e o que num país é completamente azul é categoricamente encarnado no vizinho.

O exemplo francês, por exemplo, é o inverso do nosso. Aí,

são as estações públicas — a ex-Antenne 2 e FR3 —, que perseguem com insultos de 'viciadora' da lei a TFI, cadeia privada que conseguiu o bolo maior dos exclusivos futebolísticos.

O caso exemplar que podia servir de referência nesta matéria — o diferendo Eurosport-Screensport — andava para ser decidido desde 1989, ano em que contraiu o canal da UER (associada à Sky Television) a cadeia alemã (associada à norte-americana WH Smith) apresentou uma queixa na Comissão Europeia, por violação dos artigos 85 e 86 do Tratado de Roma (prática monopolista e concorrência desleal). O processo arrasta-se desde então, com ajustamentos periódicos, numa batalha jurídica que já ameaçou a Eurosport com o cancelamento da emissão. O último episódio deste combate ocorreu em Junho, quando a UER recebeu uma comunicação da Comissão, no sentido de se mostrar receptiva aos pedidos da Screensport quanto ao acesso às retransmissões dos Jogos Olímpicos, de que aquela tinha os direitos para a difusão por satélite na Europa.

A UER acusou a recepção, mas não consta que a tenha respondido. Dondelinger, o comissário europeu que tem este pelouro, fez saber que "ia ter que ser tomada uma medida" até ao fim do ano. Por outras palavras: Eurosport, pelo menos até Dezembro, pode manter a sua política exclusivista.

A RTP, que é uma das estações fundadoras da União Europeia de Radiodifusão (UER) não precisa, pois, que lhe venham contar com estas coisas funcionam. A menos que haja um surpreendente volte-face governamental ou um acidente imprevisível do prélio RTP-SIC, os episódios deste folhetim vão continuar de semana a semana.

Espanha: negócio a três

Um trio comanda há três anos em Espanha as transmissões

semanais de dois jogos do campeonato da primeira divisão: a Liga de Clubes de Futebol Profissional; a Federação das Televisões Autonómicas (FORTA), englobando oito emissores; o Canal Plus, televisão privada só para assinantes. Inicialmente, o "pivot" das transmissões era a Liga e a FORTA, grupo que detinha o exclusivo da transmissão de um jogo semanal no campeonato espanhol com a particularidade do segundo canal da RTVE (televisão pública) passar em directo os 90 minutos para Comunidades Autónomas que não dispusessem de televisão própria.

Com o aparecimento do Canal Plus a situação mudou, com a assinatura de um contrato, por oito anos, com a FORTA e a Liga, a expirar no final da época de 1998: "Negociámos com estas duas entidades e, assim, deixámos às Autonómicas uma transmissão semanal, no sábado às 20 horas, e nós transmitimos em directo e codificado um jogo ao domingo, às 19, quando já terminaram os encontros iniciais às 17 horas", explica, ao PÚBLICO, Alfredo Relano, do Canal Plus. Nesta operação, a Liga tem garantida, em oito anos, uma receita de mais de 75 milhões de contos, dos quais um terço corresponde ao Canal Plus e o restante às Autonómicas reunidas na FORTA.

A amortização, por parte da Federação das Televisões Autonómicas, é feita a vários níveis. Aos anteriores contratos com as televisões públicas, soma-se o pagamento do Canal Plus pela transmissão de resumos de três minutos e pelas outras duas televisões privadas. "Oscila entre os 11 e os 13 mil contos por jornada, equivalente a 60 minutos dos 20 jogos disputados", contabiliza, ao PÚBLICO, Enrique Lauzirika, da FORTA. ■

* em Madrid

Se, por um lado, “o aparecimento da SIC é de saudar, na medida em que é um momento novo na afirmação do pluralismo face à oferta televisiva”, como afirma o sociólogo da comunicação

Paquete de Oliveira, por outro reconhece-se que “a qualidade [geral da televisão portuguesa] baixou”, uma opinião expressa pelo cineasta Jorge Silva Melo, que se repete pelos outros inquiridos. Como diz Natália Correia, não há diversidade: “Abre-se o aparelho e, à mesma hora, quer na SIC quer na RTP, o ‘sprint’ serve o mesmo prato: telenovela brasileira, futebol, rabiosque e mama, ‘truca-truca’ no filme.” Há 20 dias que é assim.

Tanto no Canal 1, como na TV 2 e na SIC, são poucos os programas que interessam ao realizador de “Agosto” que verifica, ao mesmo tempo, como a “produção nacional é baixíssima”. “Os programas culturais desapareceram ou são transmitidos a horários tardios”, diz Jorge Silva Melo. “Para os ver, é necessário gravá-los em vídeo, segui-los no dia seguinte.”

Paquete de Oliveira é mais crítico no plano da programação e da informação. “A melhor função da SIC, na programação, foi a de reforçar a capacidade de oferta que a RTP vinha a preparar.” Para o sociólogo, a televisão pública tem uma boa programação em relação aos canais europeus e, ao prever o confronto com a concorrência, reforçou-a ainda mais. “Quem tem antena parabólica em casa apercebe-se de que a RTP tem das melhores séries e, muitas vezes, transmite-as mais cedo do que outras cadeias. A grande vantagem da RTP é já ter estruturas montadas. A SIC ainda está preocupada em pôr a televisão no ar.”

As ocupações de Natália Correia não lhe permitiram ver o suficiente dos três canais de televisão para se pronunciar com inteiro conhecimento de causa. Mas do que viu “aqui e ali”, ressaltou um aspecto negativo: “Uma concorrência frenética na homogeneidade e não na diversidade como seria desejável. À mesma hora, quer na SIC quer na RTP, o ‘sprint’ serve o mesmo prato”.

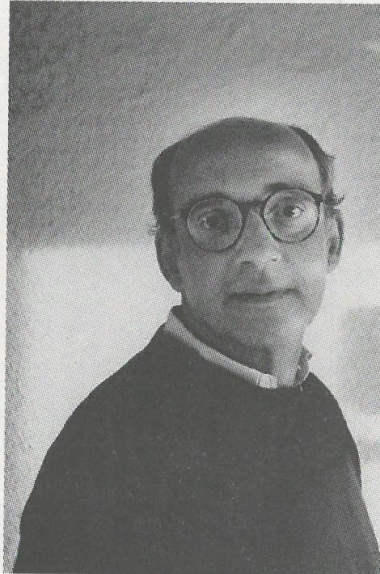
“Quanto à exibição barateira das partes ex-pudendas — prossegue a autora de ‘As Núpcias’ —, é de recear que, pela lei dos opostos que funcionam no uno, ela acabe por desencadear o seu reverso: o

A televisão portuguesa desde o começo da SIC

UMA CERTA DESILUSÃO

Vinte dias depois de termos em casa a possibilidade de escolha entre três canais, pedimos a opinião sobre a televisão que temos a figuras do cinema, da literatura, da sociologia e da comunicação. A opinião é unânime: esperava-se mais.

LUISA FERREIRA



Jorge Silva Melo: “A qualidade baixou”

detestável puritanismo que conhecemos no tempo dos outros senhores. Ou, então, por excesso de oferta, semeie a impotência.”

Para Natália Correia, é no tratamento da imagem e numa informação que vai melhorando, que a SIC oferece um atractivo ao telespectador, compensando-o do desinteresse de uma programação requerida pela publicidade, que sacrifica a qualidade à quantidade e tem a cultura como estorvo. “A TV pública — afirma a escritora — que é paga pelos portugueses, é que não pode esquecer-se de que está em Portugal, como esquece em doses industriais de cega-rega de concursos importados de modelos estrangeiros e telenovela

brasileira. Uma TV subsidiada pelo Estado deve mostrar aos portugueses as raízes, os tesouros escondidos e a história do desenvolvimento da cultura que lhes deu identidade.”

Para a escritora, este dever torna-se ainda mais premente quando a mentalidade euro-comunitária no Tratado de Maastricht estabelece que “a promoção da cultura e a conservação do património cessam onde se sobrepõem os interesses das trocas comerciais e da concorrência”. Natália Correia, que já pertenceu ao Conselho da Comunicação Social, resume: “Se a RTP não observar, como responsabilmente lhe compete, uma diferenciação cultural, que não substima a nossa singularidade, em vez de três, teremos uma só TV em Portugal. Isto até ver o que a quarta nos traz.”

Luis Miguel Castro, gráfico e editor geral da revista “K”,

considera que a qualidade de imagem da “SIC é melhor que a da RTP, tem mais luz e é mais definida.” Mas lamenta que continue sem servir de alternativa. “Gráficamente acho o logotipo da SIC ‘piroso’. É muito anos 60, da época ‘hippy’ já a chegar ao ‘freak’, é cheio de cor, psicadélico. O do Canal 1, é horroroso: a letra mais feia do mundo; e o da TV2 também não gosto, tem demasiado ‘design’ e é muito confuso.” Mas para Luis Miguel Castro as “pontuações gráficas” da SIC são interessantes. “Os programas são apresentados de uma forma mais bonita do que na RTP. Os genéricos, em alguns casos, são melhores. O do futebol por exemplo.”

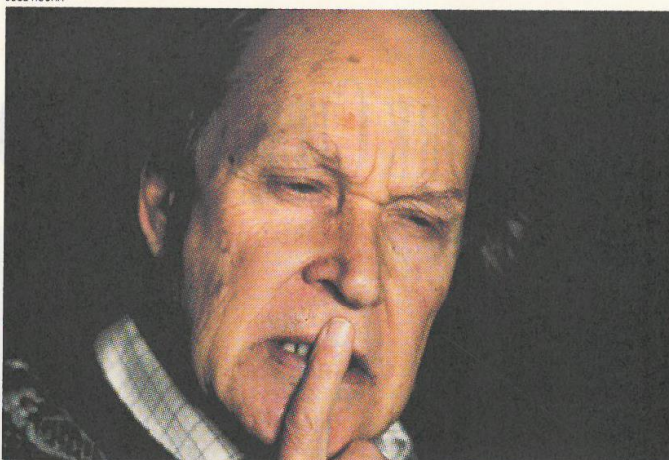
Jorge Silva Melo também não gosta do logotipo da SIC porque “ocupa muito espaço no ecrã”. As interrupções publicitárias incomodam-no: “Penso que em nenhum dos canais as interrupções respeitam as leis comunitárias em relação aos 45 minutos de intervalo entre anúncios, e ainda há o problema dos resultados do Toto Sorteio passarem em cima dos filmes”.

Como cidadão, Silva Melo considera “alarmante” que a concorrência no sector da informação entre os três canais se baseie nas violações, crimes e mortes: “A estas reportagens está ligada uma ideia de classe social. As pessoas entrevistadas são, na maioria, pobres e não têm consciência dos seus direitos. Estou convencido que também existe droga na Quinta da Marinha e violações nos meios da alta burguesia, mas essas histórias não aparecem.”

O problema em relação à informação, para Paquete de Oliveira, não se coloca ao nível da técnica mas ao dos conteúdos. Acredita que a SIC poderá vir a ganhar em relação à tematização informativa, mas, por enquanto, ainda não viu nada. “Na SIC há uma predominância da escola radiofónica transportada para a televisão. E como a rádio é feita muito em cima do acontecimento, permite coisas que não funcionam em televisão. É difícil não cair no sensacionalismo. E, para se fazer bom jornalismo na televisão, é necessário ter uma boa bagagem cultural. Não se pode improvisar tanto como eles estão a fazer. Além do problema de se poder cair no moralismo ou no lamechas.” E conclui: “A SIC declarou que vinha fazer concorrência, mas no fundo estamos a assistir a uma guerra de audiências.”

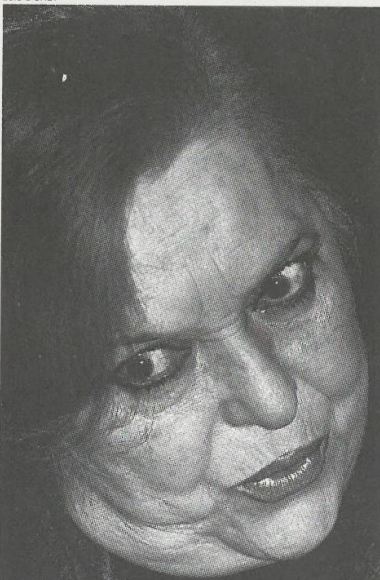
Joaquim Pinto, produtor, ainda não conseguiu ver a SIC “por causa de um problema na antena”. Ele ainda não trabalhou com a SIC, mas está a

JOSE ROCHA



Eugénio de Andrade: “Não me dá jeito nenhum falar sobre isso”

LUÍS D'OREY



Natália Correia: “Concorrência sem diversidade”

produzir três episódios de uma série televisiva europeia com a colaboração da RTP: “Tremonha de Cristal”, de António Campos, que já está em fase de montagem; e “Zéfiro” de José Álvaro Morais, em preparação. O escritor David Mourão-Ferreira, que pertence à ATV-Associação dos Telespectadores, não tem “tido tempo para ver televisão”, e a escritora Lídia Jorge, recém-chegada de Viena, discute na Alta Autoridade para a Comunicação Social algumas das queixas que lá chegaram, nomeadamente sobre o programa “Praça Pública” — como foi divulgado em comunicado —, o que a impede de exprimir a sua opinião. O poeta Eugénio de Andrade raramente vê televisão. E, sobre ela, diz o que tem a dizer: “Só vejo o Telejornal e não me dá jeito nenhum falar sobre isso.” ●

1.2. “Vozes” nov. e dez. 1992; jan.1993; 6 out.1994 e 1995

1.2.1 1 nov. 92: “Essa maldita televisão”

DOMINGO, 1 NOVEMBRO 1992

DESPORTO

ASSIS MILERO

PAULO CARREIRO

Alvalade e Luz com pouco público

Essa “maldita televisão”

José Manuel Fernandes

Devia ter sido o dia maior da primeira metade do campeonato. Era jornada para encher estádios. Mas os estádios ficaram vazios enquanto o país assistiu, em directo, à primeira grande manifestação de até onde pode chegar a concorrência entre televisões. Amanhã se saberá quem ganhou na guerra de audiências. Por enquanto só o futebol terá perdido.

O público que ontem ocorreu aos estádios da Luz e de Alvalade, sumado não teria chegado para compor as bancadas de qualquer dos estádios num normal dia de campeonato. E tudo porque ambos os desafios estavam a ser transmitidos em directo, um pela SIC — o de Alvalade —, o outro pela TV2 — o da Luz. Em ambos os estádios havia mais de quarenta câmaras de televisão, numa mobilização de meios a que nunca tínhamos assistido em Portugal.

Para os que nunca se deslocam aos estádios, foi como que uma benesse dos céus. Para os que moram longe de Lisboa, uma verdadeira dádiva. Para os adeptos furiosos do fenómeno televisivo, apenas a consagração do direito de informar e de levar o espectáculo junto dos que não podem ir até aos estádios.

Mas para outros, indignados com o cenário de bancadas vazias, está-se antes a assistir à morte do futebol enquanto espectáculo de massas — uma qualidade sem qual o próprio desporto perderá sentido, a prazo, perderá público.

As questões não são assim tão simples, mas não devem deixar de ser discutidas. O que se passou neste sábado, 1 de Novembro de 1992, em dois estádios situados perto da Segunda Circular, em Lisboa, representa o início de uma era. Quando a SIC iniciou as suas emissões, a 6 de Outubro, alguém disse que a democracia tinha finalmente começado em Portugal. Nessa afirmação há, sem dúvida, alguma verdade. E agora, quando a SIC e a RTP se entregaram a esta espantosa operação de cobertura televisiva de dois jogos de futebol, só um cego não verá que estamos igualmente a entrar numa outra era. E que, para já, entramos com o pé esquerdo.

Na verdade, em tudo o que ontem se discutia a propósito do resultado das transmissões em directo, nunca esteve presente um factor essencial: o preço dos bilhetes.

Há pouco mais de um ano, numa outra ocasião, também quando a televisão ocupou um estádio com as suas câmaras para transmitir em directo um jogo de futebol, não foi por isso que o imenso anfiteatro da Luz deixou de se encher. Reforçemo-nos, naturalmente, aos encontros finais do Campeonato Mundial de Júniores em futebol. Nessa altura provou-se que era possível encher estádios apesar da televisão. Nessa altura também escrevemos nestas páginas que havia de retirar desse fenómeno os devidos ensinamentos. Não foi isso que aconteceu.

E que, quando desse campeonato, foi facultada à juventude a entrada gratuita nos estádios, e a juventude ocorreu. Agora os dirigentes desportivos preferiram actuar de outra forma e quiseram comer “a dois carrinhos”: vendendo os direitos de transmissão e vendendo os bilhetes. Para mais vendam-nos a preços proibitivos. Uma bancada central de Alvalade custava setecentos.

Desta forma o que podia ser simultaneamente um negócio e um espectáculo, transformou-se num fiasco. A curto prazo talvez se encham os cofres dos clubes (ou, mais precisamente, talvez se consiga liquidez para os ordenados do mês). Mas a longo prazo o futebol não resistirá a estádios vazios. E nessa altura não será a concorrência entre as televisões que salvará as finanças dos clubes. *



1.2.2 3 nov. 1992: “A mim basta-me a SIC”

A mim basta-me a SIC

No passado sábado, dia 30, houve duas transmissões futebolísticas na televisão, à mesma hora. Disseram os jornalistas que era o resultado da concorrência. Pobre concorrência! Eu penso que é resultado do ressentimento, do despeitado, (...), que se sente traído, ultrapassado e não aceita o facto. Toda a vida foi “Rei e Senhor”, sem nunca atender ao consumidor — pagante dos serviços que recebia.

Há uns anos não havia transmissões porque teriam de ser feitas simultaneamente com outros jogos das I, II ou III divisões. E isso os regulamentos não permitiam. Agora parece que já permitem!

Sou do tempo, há 30 anos, em que no Norte se viam jogos todos os sábados, na TV espanhola. Eu e um grupo de amigos solicitámos à RTP a mesma regalia; ou pelo menos um de quando em vez, pelo menos os mais importantes! Afinal, vistas bem as coisas, vivíamos lá, sem nunca podermos ver um Benfica ou um Sporting. Nem resposta nos deram, embora pagássemos a taxa.

Agora podemos ver dois por fim-de-semana e, milagre dos milagres, até à mesma hora... Tudo isto graças à SIC e a dezenas de milhões de contos que fugiram do Orçamento do Estado para a TV estatal. O poder lá sabe porquê. Eu também, mas dispenso. Basta-me a SIC.

Luis da Silva Melo
Algés

1.2.3 6 nov. 92: "SIC confundiu salto à vara com salto em altura"

sociedade 22 SEXTA-FEIRA 6 NOVEMBRO 1992

SOCIEDADE

João David Nunes, presidente da RTC, ao PÚBLICO

"SIC confundiu o salto à vara com salto em altura"

Cristina Ferreira
& David Lopes Ramos

Trinta e cinco milhões de contos em publicidade e índices de audiência mais do que confortáveis são o suficiente para não tirar o sono aos responsáveis pela televisão pública. Um mês depois de a SIC começar as suas emissões regulares, nada parece conseguir desviar a RTP do seu curso. Também a RTC e o seu presidente, João David Nunes, estão tranquilos.

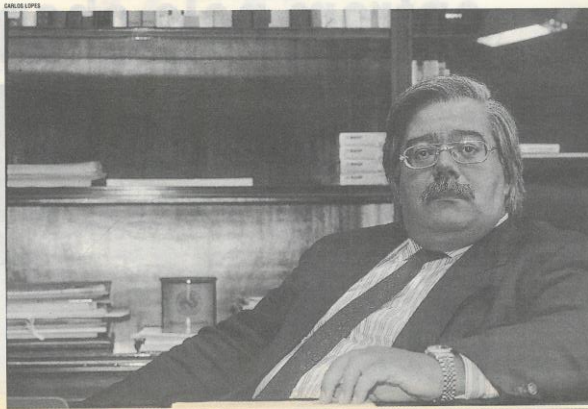
Faz hoje precisamente um mês, a RTP teve pela

primeira vez concorrência a sério: não a concorrência desigual das caixas de vídeo ou a dos canais estrangeiros "da parábola", mas de um canal "made in Portugal". Primeiro dos dois canais privados que irão concorrer com a RTP, a SIC parou, no entanto, não preocupar os responsáveis da televisão pública. A começar por João David Nunes, presidente da RTP e concessionária exclusiva da sua publicidade.

Mas na entrevista que concedeu ao PÚBLICO e que hoje publicamos, João David Nunes não se limita a defender o ponto de vista da empresa a que preside — vai mais longe e assume a defesa da programação da RTP como a sua verdadeira dama.

PÚBLICO — Há um ano, admitiu perder para os novos televisores privados, entre 20 a 30 por cento do conjunto do mercado publicitário. Mantém essa previsão?

JOÃO DAVID NUNES — Não tenho dados para a confirmar. Mas, ainda recentemente, o presidente da Associação Portuguesa de Agências de Publicidade, Américo Guerreiro, afirmou que o mercado publicitário se dividiria em 70 por cento para a RTP e 30 por cento para os privados. O nosso objectivo é redu-



João David Nunes: a SIC colocou a farsinha demasiado alta e agitou as aposturas da TV2

zir essa partilha para os 75-25 por cento.

P. — A SIC está a corresponder às suas expectativas?

R. — Penso que não está, por enquanto, a atingir os seus objectivos iniciais. Sobreretudo porque fez uma confusão ao utilizar uma linguagem de atletismo: confundiu o salto à vara com o salto em altura. Colocou a farsinha demasiado alta, visto nesta altura não existir nenhuma hipótese de se poder dizer que a SIC concorre com o Canal 1. A SIC apenas se aproxima da TV2.

P. — Admite, por outro lado, que as suas estimativas de partilha de mercado se vão confirmar. Não haverá uma contradição no seu discurso?

R. — Não há nenhuma contradição, nem desluzão. Não observa que a SIC fosse muito diferente daquilo que está a ser. Neste momento só é possível apreciar números e, em termos de números, lendo em linha de conta os objectivos que se propôs atingir, a SIC está a ser uma má televisão. Face às minhas expectativas, está a ser aquilo que eu pensava.

P. — Os responsáveis da SIC preveem atingir, no

primeiro ano de actividade, um volume de facturação de publicidade de 6,5 milhões de contos, enquanto os responsáveis da TV2 afirmam esperar quatro milhões. Dado o nível de audiências que a SIC tem registado, considera as estimativas realistas?

R. — O facto de o nível de audiência ficar aquém das expectativas não significa que o investimento publicitário não se mantenha. Tudo depende dos preços praticados, da agressividade comercial, do profissionalismo e de outras condicionantes. Mas cada vez mais, e porque a publicidade custa dinheiro, os anunciantes e as agências de publicidade têm que ter em atenção o nível das audiências. Dá ser natural que a RTC tenha um desempenho tanto melhor quanto melhor é a partilha em termos de audiência.

P. — A RTP ganhou quota de mercado relativamente aos outros meios?

R. — Houve um aumento real. Só é possível comparar a actividade da RTC, em relação ao ano passado, nos primeiros nove meses, enquanto não existiu concorrência. E, nesse período, a RTC aumentou as suas receitas em 27 por cento.

É um crescimento acima do crescimento do mercado, o que significa que a televisão ganhou quota de mercado face aos outros meios.

Este ano vamos facturar entre 35 e 36 milhões de contos, representando a facturação do Canal 1 entre 33 e 34 milhões de contos.

P. — Como vai evoluir nos próximos anos, em Portugal, o mercado publicitário?

R. — O "boom" que se verificou desde 1986 é muito localizado e a evolução dos mercados faz-se, normalmente, através de um sistema de patamares — umas vezes sobe, outras desce. Neste momento, temos conseguido resistir de alguma forma, como de resto a economia, à recessão internacional. Esta situação tenderá, em Portugal, a reflectir-se na facturação publicitária, mas não de forma excessiva. Penso que o mercado, em 1993, crescerá ligeiramente menos do que este ano, cerca de 15 por cento. Em 1992, o mercado deverá crescer à volta dos 20 por cento.

A RTC vai crescer acima da média, talvez entre os 24 e os 25 por cento. Em 1993, dependerá do comportamento do mercado.

P. — Em 1988, o grande

anunciante na televisão foi o sector automóvel. Em 1990, a banca. E este ano?

R. — Foram os anunciantes tradicionais (bens de consumo). O maior grupo a anunciar vai ser, como de resto já o foi em 1991, a Lever-iglo. A Nestlé faz outro anunciante importante. Algumas instituições financeiras mantiveram os seus investimentos publicitários.

P. — Quais os efeitos previsíveis do aumento da concorrência no mercado publicitário em geral? Acha que a imprensa pode vir a sofrer com o aumento das possibilidades de escolha de TV?

R. — Penso que a TV pode vir a conseguir uma fatia de mercado acrescida pelo facto de existirem televisões privadas, embora a RTP e a RTC tenham uma posição tal que já não dá para crescer muito. Quem vai perder será, essencialmente, a imprensa, mas em zonas específicas, provavelmente em revistas.

P. — Em que medida o aparecimento da SIC veio, ou vai, alterar a actual estrutura do mercado publicitário?

R. — Talvez tenha feito com que o mercado publicitário em

1.2.4 1 dez. 92: “Ó tempo volta atrás”

CRÍTICA

Ó tempo, volta para trás

O BOLETIM METEOROLÓGICO é um “must” em qualquer estação televisiva que se preze. E qualquer estação televisiva se preza. A única dúvida que, por vezes, se pode levantar é se preza o seus telespectadores. Pelo que — a lógica silogística torna-se imbatível — todas as televisões têm os seus espaços de apresentação da previsão do estado do tempo. Que constituem, decerto, um dos picos de audiência. Quem não deseja saber o que o amanhã lhe reserva, mesmo que seja só do ponto de vista meteorológico?

Em países como os Estados Unidos, este espaço televisivo tornou-se uma instituição. Políticos e outro tipo de estrelas mediáticas “pelam-se” por um convite para apresentarem pontualmente o boletim meteorológico. Os apresentadores quotidianos tornam-se, eles próprios, instituições. Com a perenidade que só o tempo lhes dá.

E, se, desde há tempos, se lamentava a opção que a então monopolista RTP havia tomado de afastar o meteorologista de serviço do contacto directo com o telespectador, optando pela simples apresentação de quadros e uma monocórdica voz “off”, o apare-

cimento da SIC representou um saudável reencontro com os “homens do tempo”. No caso, “times they’ re changing”, também com as “mulheres do tempo”, que o boletim meteorológico, na nova estação privada, não é unisexo. Finalmente, poderemos voltar a identificar, carinhosamente, os “mentirolos” de serviço (meu Deus, quanto é bom poder voltar a trocadilhar desta forma). Como poderemos voltar a sentir aquele inesquecível, e delicioso, sabor a vingança quando o Sol brilha (é certo que mais para uns do que para outros), depois de nos ter sido prometida borrasca. Nesta matéria, pois, vantagem momentânea para o operador privado já em funções.

E, da futura TVI, chega-nos mesmo a informação da existência de um editor para o seu boletim meteorológico, aliás, um velho “homem do tempo” da RTP, de seu nome Anthímio de Azevedo. Não se sabe até que ponto S. Pedro virá a patrocinar directamente o “tempo” do futuro canal de inspiração cristã, mas a notícia deixa alguma “água na boca” (salvo seja). ■

Duarte Moral

PÚBLICO

1.2.5 2 dez. 92: “A batalha indonésia SIC/RTP”

A batalha “indonésia” RTP/SIC

TRÊS JORNALISTAS indonésios — imprensa, televisão e agência noticiosa — tentam há muito obter visa para entrarem em Portugal. Um deles, colaborador da BBC e de jornais indonésios de língua inglesa, iniciou essas diligências há mais de cinco anos. Inexplicavelmente, Lisboa recusou, como se alguma coisa uma democracia tivesse a esconder de uma ditadura. Eis senão quando, João Gabriel surge nos ecrãs da SIC a falar de Jacarta. Possessa daquela raiva irracional que toma ambas as estações sempre que uma delas obtém algo de diferente, a RTP revolve as Necessidades e S. Bento sensibilizando quem a tutela para os prejuízos da “vitória” indonésia da SIC sobre a televisão do Estado. Como por milagre, Lisboa dá “luz verde” aos seus consulados para que concedam vistos aos três jornalistas. A informação coincide com a irritação de Jacarta com o repórter SIC/TSF, a quem suspendeu por 24 horas a autorização de trabalho como represália por João Gabriel ter entrevistado uma segunda vez numa mesmo dia Abílio Osório, o governador timorense tristemente celebrizado pelo papel de “torturador-entrevistador” de que os militares o incumbiram. Sanado, porém, o “arrufo”, as autoridades indonésias respondem à boa vontade portuguesa, e autorizam a entrada de Rui Araújo, da RTP, de malas aviadas para estasegunda-feira. O que o bom senso não conseguiu, obteve-o Moniz. ■

1.2.6 6 dez. 92: “Televisões em guerra”

Televisões em guerra

A guerra começou. Segunda-feira, 16, 21h08m15s: RTP lança ataque surpresa. O bombardeio é sentido “pedra sobre pedra” na SIC. Reúne-se a Comissão de Emergência. Preparam-se as pinturas de guerra. 7m02s depois, há o contra-ataque: cai “de corpo e alma” o míssil da SIC na 5 de Outubro. E a guerra continua. A RTP civilizou-se. Nada de pedras — só “Volkswagens” e portugueses exportados para o Brasil. A SIC, mais moderada, fica-se pelos Fiat. Afinal não são eles os financeiramente privilegiados? Quem vai lucrando são os TLP!

Qual será a repercussão da “overdose” telenovelistica de duas horas na saúde dos portugueses? Cá por mim, quem me atrasa os “Simpsons” estraga-me a semana. (...) O certo é que no princípio do ano os presidentes dos clubes portugueses de futebol pareciam autênticas árvores de Natal (especialmente o Sporting), enfeitados com propostas de direitos de transmissão exclusiva.

O que se sabe é que os fanáticos da bola que quiseram seguir o jogo Sporting-Porto e Benfica-Boavista (simultâneo nos dois canais) deram cabo dos telecomandos, com a agravante de no fim da primeira parte verem o Sporting aos quadrados vermelhos e o Boavista às listas verdes e azuis. Com toda esta variedade, “Agora você decide”. Às oito e meia da noite pode escolher entre telenovela ou, se preferir, telenovela. (...) Mas se gosta de informação, vai-se-lhe deparar um problema: comprar mais um televisor para ficar completamente informado às oito. (...)

Joana Sarmento, Ricardo Vicente e Susana Carneiro
Porto

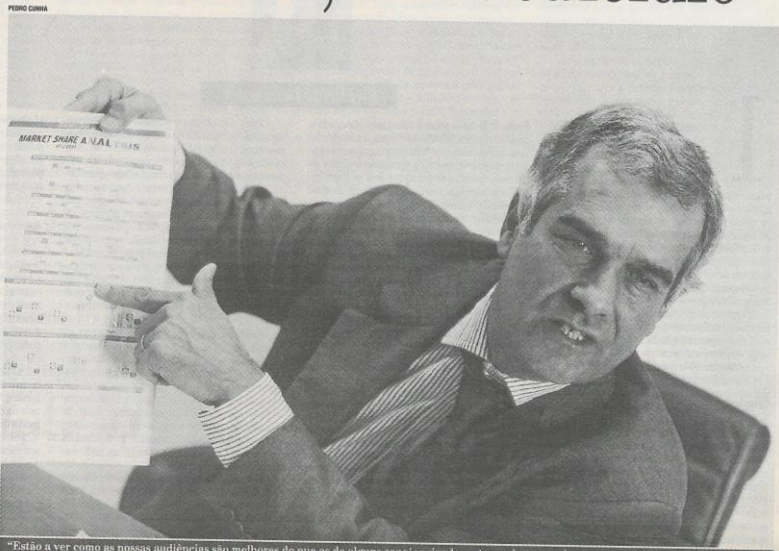
SOCIEDADE

Emídio Rangel, director de informação e de programas da SIC, em entrevista ao PÚBLICO

“Sem telenovelas, seria suicídio”

David Lopes Ramos,
José Manuel Fernandes
e Maria Augusta Gonçalves

Há precisamente dois meses, a televisão em Portugal entrou numa nova era: ia para o ar a primeira emissão de uma estação privada, a SIC. Dois meses depois, as opiniões dividem-se acerca do balanço. O veredicto do público — que lhe permitiu alcançar uma quota de mercado idêntica à da TV2, isto é, de 14/15 por cento nas regiões onde o seu sinal já é recebido (71 por cento do território nacional) — é insuficiente para tirar conclusões. E se há desiludidos com a nova televisão, para os lados da SIC reina um certo optimismo. Um optimismo que em Emídio Rangel, o homem forte da informação e da programação, se traduz na certeza que o canal de Pinto Balsemão já é um sucesso.



“Estão a ver como as nossas audiências são melhores do que as de alguns canais privados estrangeiros quando arrancaram?”

PÚBLICO — Você vem da TSF, que tem um certo perfil de ouvintes. Pinto Balsemão vem do “Expresso”, que tem um certo perfil de leitores. Tem-se a sensação de que esses ouvintes e esses leitores estão desiludidos com a SIC porque a acham demasiado pouco diferente da RTP. Não é preocupante?

EMÍDIO RANGEL — Não estou nada de acordo com essa leitura. Acho, pelo contrário, que não se pode passar por cima da importância que tem a presença da SIC como o primeiro canal privado de televisão. Minimizar isso é um grande erro. Isso é desde logo marcante. Em segundo lugar, é óbvio que nem o “Expresso”, nem a TSF, nem o PÚBLICO, nem nenhum outro projecto de comunicação social se concretiza no prazo de dois meses. Seria completamente errado julgar um projecto como o da SIC...

P — Mas o arranque é sempre muito importante. E o que se diz é que a SIC não fez uma ruptura.

R — A SIC é claramente uma ruptura. Não tenho nenhuma dúvida sobre isso. A SIC é ou não é uma grande ruptura em termos de prestação de serviço informativo? Não, se calhar, já não nos damos conta que a RTP é uma televisão claramente marcada pelo controlo governamental e que isso se manifesta e se mostra todos os dias nos telejornais.

P — Mas houve uma evolução da RTP no sentido de ser menos governamentalizada.

R — Não, não acredito. Acho que

quem fizer uma análise rigorosa daquilo que é a informação prestada pela SIC e a informação prestada pela RTP tem inevitavelmente que encontrar diferenças substantivas, diferenças formais e diferenças de conteúdo. Quer por omissão, quer pelo tratamento das matérias. Aquilo que a RTP deixa para trás, aquilo que a RTP trata, a forma como trata...

P — Não é claro para muitos.

R — Admito que não seja claro para muitas pessoas. A SIC só tem dois meses de vida. E é natural que, em dois meses de vida, não seja possível à SIC tocar toda a gente. É evidente que acho que as pessoas esperavam que a SIC fosse a televisão que não existe. É natural. É a primeira vez que há televisão privada em Portugal. As pessoas colocaram aí uma grande expectativa. Nós, se calhar, por ingenuidade, não sabíamos desmontar a tempo esse tipo de expectativa exagerada. Nunca me esqueço que houve um jornalista que me dizia, ‘Mas a SIC não se diferencia da RTP: passa filmes, passa novelas, passa séries, passa informação’. Claro, isto é matéria-prima de qualquer estação de televisão.

Havia também uma grande expectativa em redor do aparecimento da TSF e, para ser sincero, estou a viver na SIC uma situação muito similar àquela que aí vivi. Muito similar. Nos primeiros meses da TSF fui confrontado com declarações, com apreciações, com críticas muito semelhantes àquelas que nós temos na SIC. A TSF só ao fim de um ano e tal é que conseguiu chegar a meio do ‘ranking’ das estações de rádio. Ainda há dias

vi uma entrevista do João David Nunes no PÚBLICO em que ele colocava a SIC numa posição de completa menoridade, como se a SIC fosse um fenómeno sem nenhuma importância. O mesmo João David Nunes que, há cinco anos, quando a TSF apareceu, produziu exactamente o mesmo discurso. Disse, na altura, em entrevistas similares, que a TSF não tinha nenhuma hipótese. Viu-se

P — O que dizem os rivais é uma coisa. O que dizem as pessoas e o pouco diferente. Admitiu já que não souberam gerir bem a expectativa. Mas foram ou não foram vocês que agravaram essa expectativa quando chegaram a dizer que o vosso apreçamento ia ser mais importante do que os caminhos de ferro?

R — Não interpreto assim. E, se calhar, aí é que está a nossa dose de ingenuidade. O que se passava é que em Portugal era acontecimento aquilo que a RTP pretendia que fosse. Quem marcava a agenda dos acontecimentos era o Governo e era a RTP. Pois bem, só o aparecimento da televisão privada, por ela própria, sem discutir o mérito da SIC, mudou esta situação. Essa espécie de ditadura que era imposta pela verdade da RTP está pulverizada. Temos a SIC. Vamos ter a televisão da Igreja. Mais. Acho que é impensável que Portugal possa ser o mesmo país depois destas televisões estarem a funcionar.

P — A desilusão em relação à SIC não existe por ela dar informação, telenovelas, filmes. Acontece

por dar o tipo de informação que dá, por dar as telenovelas que dá e os filmes que dá. A SIC, por exemplo, tinha prometido muitos directos e praticamente não os tem feito. Esta é que é a questão.

R — Não percebo o alcance da afirmação “por a SIC fazer o tipo de informação que faz”. Hoje, dois meses depois da SIC estar no ar, começa a ser claramente reconhecido, sem ambiguidades de espécie nenhuma, que nós produzimos melhor informação do que a RTP. Em todos os grandes acontecimentos dos dois últimos meses, a SIC marcou pontos e ganhou na competição com a RTP: o Congresso do PSD, Angola, a cobertura das eleições americanas, Timor, etc.

P — Em relação às duas primeiras tem razão. Em relação às duas últimas é discutível.

R — Bom, há aqui sempre uma dose de subjectividade. É natural que possam ter um critério de apreciação que se diferencie deste. Eu, pessoalmente, todos os dias aprecio o trabalho que nós fazemos, com uma grande frieza. Para mim, com dois meses de vida, a SIC produz inequivocamente melhor informação do que a RTP. E vamos fazer melhor.

P — Mas a SIC não é um projecto informativo. Não é uma CNN.

R — Mas vocês é que me confrontaram com o problema da informação. E eu estou a responder. Até porque a informação é uma parte importante do projecto da SIC.

P — Era mesmo apresentado

como fundamental.

R — É a SIC produz mais informação do que o Canal 1 da RTP. Com menos horas de emissão produz mais informação. Onde é que o Canal 1 da RTP tem uma espaço como o Canal 1 da RTP? Fagun uma análise comparativa entre o que nós fazemos e o que a RTP faz. E o sentimento generalizado é o de que a nossa informação é muito mais credível.

P — Mas que hipótese é que as pessoas têm de comparar a informação que a SIC faz da informação que a RTP faz se vocês, na vossa estratégia de confronto, optaram por colocar os telejornais à mesma hora? Não será essa também uma das ingenuidades do lançamento?

R — Não. Mas atenção. Falei de ingenuidade mas também não podemos esquecer uma interpretação defeituosa que foi feita do que nós dissemos. Nós dissemos que a SIC só tinha um concorrente. É, de facto, verdadeiro que a SIC só tem um concorrente: é o Canal 1. A SIC bate-se contra o Canal 1, porque o Canal 1 é o dono da audiência, é o líder da audiência, é o líder da publicidade.

P — A SIC disse também que combateria face a face o Jornal da Noite com o Último Jornal, a telenovela das oito com a telenovela das oito.

R — Lá chegarei. A SIC, até agora, só fez essa política de confronto no jornal e na novela. E na novela só há oito dias atrás. Porque a novela da SIC só começou há oito dias. Também foi sempre dito que a SIC só poderia arrancar com a sua

novela por volta do dia 18 de Novembro, que era quando a RTP terminava a sua novela. Fomos ingénios em algumas coisas, mas não somos tão ingénios ao ponto de pensar que era possível colocar, no mesmo horário em que a RTP transmite uma novela, uma nova novela e pensar que as pessoas que ainda há cinco meses a acompanhar uma história se transfeririam automaticamente para acompanhar a nossa história. Ninguém pensaria isso.

P. — Mas agora arrancaram ao mesmo tempo e não vos correu bem.
R. — Está a correr muito bem.
P. — Não está a correr muito bem e os dados de audiências confirmam-no.

R. — Todos os dias subimos.
P. — Não é verdade.
R. — Ai é verdade, é. Todos os dias nós subimos.

P. — Tenho aqui dados dos últimos cinco dias e não mostram isso...
R. — Não são os melhores dados. Nós todos os dias estamos a subir.

P. — Os dados que temos não são esses.
R. — Mas eu forneço-vos os nossos, que são da ECOTEL e da AGB.

P. — Já vi que não saímos daqui. Mas ouça lá: em Dezembro de 91, Balsemão disse ao PÚBLICO: "Se a luta pelas audiências for feita com base em concursos popularizados ou em novelas absurdas, ai perdemos todos. Quem estiver ao negócio não pode deixar de seguir esse caminho se os outros também o fizerem". Ora a SIC em cinco horas de emissão tem duas tele-novelas.
R. — A SIC não tem cinco horas de emissão. São sete horas de emissão. Tem duas novelas. E a RTP tem oito ou nove. Mas a questão não se coloca nestes termos. A SIC não pode objectivamente colocar-se na posição de menosprezar aquilo que é o produto televisivo de maior sucesso, e não é só em Portugal, ao contrário do que se possa pensar. Nós não podemos colocar numa posição pseudo-intelectual, pensando e imaginando que somos agora os grandes educadores do povo português. E mais. Vejam as sondagens e verifiquem como as novelas são acompanhadas pelas classes A, B, C e D. Por ricos e pobres, cultos e incultos.

P. — Não há dúvida que as novelas são um produto televisivo indispensável. Mas com a TV privada o que aconteceu foi que o telespectador que não gostava de ver novelas tem que fazer um rali entre as novelas dos três canais.
R. — Mas esse não é certamente o problema da SIC.
P. — Também é o problema da SIC. Duas tele-novelas num canal que tem sete horas de programação não será um peso demasiado?
R. — Não é porque procuram atingir dois segmentos diferenciados de público. Uma aparece no horário nobre, outra fora do horário nobre. Temos de ser objectivos: a SIC não é financiada pelo Estado. A SIC não recebe vultuosos subsídios para se poder dar ao luxo de assumir uma posição de desprezo por aquilo que é, nesta altura, o gosto dominante do povo português. Eu não estou a dizer que a SIC não deva fazer outras coisas e percorrer outros caminhos. O que eu estou a dizer é que a SIC não pode, sobretudo quando entra em competição com uma estação que é talvez a emissora mais comercial da Europa, abandonar aquilo que são produtos de grande consumo em termos televisivos. Seria completamente errado e perfeitamente suicida.

P. — Uma questão é a SIC ter uma novela, outra é a SIC parecer apostar tudo na telenovela. Será

que o futuro da televisão privada em Portugal se decide entre "Pedra sobre Pedra" e "De Corpo e Alma"?
R. — Claro que não!

P. — Mas foi essa impressão que deram.
R. — Não foi. Essa é uma interpretação defeituosa. Limitámo-nos a fazer o seguinte: "Atenção, a SIC nasceu e faz agora dois meses." E, portanto, como nasceu há dois meses, tem necessidade absoluta de promover os seus produtos.

A RTP, o Canal 1, com 35 anos de vida, com um público fidelizado, fez uma campanha muito mais agressiva do que a SIC. A SIC iniciou isso e depois foi absolutamente seguida pela RTP.

P. — Mas a SIC também seguiu a RTP. Quando a RTP antecipou o início da telenovela, vocês fizeram o mesmo.
R. — Nós a única coisa que tínhamos definido, e definimos com clareza, é que tínhamos que lançar a novela ao mesmo tempo que a RTP. E porque? Porque a novela é uma história que se acompanha todos os dias. E se uma pessoa começa a ver uma história...

P. — Estão satisfeitos?
R. — Estamos satisfeitos.
P. — O que as sondagens dizem que a vantagem é de um para seis a favor da RTP. E isso que os satisfaz?
R. — Todos os dias, e forneço-vos esses dados, a novela da SIC tem crescido.

P. — Mas havia o objectivo, confessado em várias entrevistas, de obter rapidamente, até ao fim do ano, uma quota de mercado na casa dos 30 por cento. Disse-o Pinto Balsemão. Vocês estão consistentemente nos 14 15 por cento...
R. — O que é razoável!

P. — Mas está longe do objectivo apontado.
R. — Mas é notável que, ao fim de dois meses, Mas não acredito que o doutor Balsemão...

P. — Ele dizia (JN, 28/9/92): "Esperamos atingir, numa primeira fase, os trinta por cento, mas com a estratégia da grelha que seguimos, admito que as audiências, em alguns pontos da programação, possam ser superiores a esse número com reflexos imediatos, portanto, nas taxas do mercado publicitário".
R. — E são! A SIC tem já normalmente, à hora do Jornal da Noite, quarenta por cento da audiência do Canal 1. Quarenta por cento!

P. — Quarenta por cento do Canal 1 não é quarenta por cento da audiência.
R. — Claro, mas é relevante. Nós estamos a subir todos os dias.

P. — Tenho aqui um gráfico que mostra uma descida no princípio e depois uma estabilização.
R. — Deixem-me expor os meus dados, os dados que a nossa Direcção de Marketing pode fornecer. Ponto um, a SIC tem, ao fim de dois meses de trabalho, 11 por cento da quota nacional.

P. — A vossa tabela de publicidade foi feita para 30 por cento.
R. — Não. A nossa tabela de publicidade foi feita... Mas, para dizer de outra maneira, em relação à novela, a quota a atingir é de sete por cento a nível nacional. Estamos a um ponto e dois décimos de atingir essa quota. A nossa tabela foi assim calculada.

P. — A antiga ou a nova?
R. — A nossa nova tabela.
P. — É que a antiga era duas vezes mais cara.
R. — Não era. Mas eu não me quero intrrometer na área comercial. Mas deixem-me falar das sondagens. Nós temos neste momento uma quota de 11 por cento nacional, com 70 por cento apenas

de cobertura desde há uma semana. A SIC só cobre 70 por cento do território nacional.
P. — Com noventa por cento da população.
R. — Setenta por cento do território nacional.

P. — Mas noventa por cento da população.
R. — Não tenho esses dados. O que eu posso dizer é o seguinte: há uma se-

A SIC não pode objectivamente colocar-se na posição de menosprezar aquilo que é o produto televisivo de maior sucesso, e não é só em Portugal, ao contrário do que se possa pensar. Nós não nos podemos colocar numa posição pseudo-intelectual, pensando e imaginando que somos agora os grandes educadores do povo português

foi explicitada a posição e evolução quer da SIC, quer dos outros canais. Foi sempre subindo e neste momento tem 15 pontos de audiência na Grande Lisboa e Grande Porto.
P. — Não foi sempre subindo.
R. — Foi sempre subindo.
P. — Os dados que temos da Markest dizem que não foi sempre subindo: teve 15,7 pontos na primeira semana, 14,8 na segunda semana, 14 pontos...
R. — ... e, depois, começou a subir outra vez.
P. — Depois chegou a 12,6 pontos.
R. — Claro. Isso é natural.
P. — Depois subiu para os 14 e, na última, teve 14,1. Não diga que tem subido sempre.
R. — Está a subir. A SIC começou por ter um milhão e não sei quantos espectadores, neste momento nunca tem, todos os dias, menos de dois milhões e setecentos mil. Se isto não é significativo num país que tem 10 milhões de habitantes... Mas eu gostava de comparar estes dados com aquilo que se passou no resto da Europa. E é à luz muito dessa apreciação que eu considero que os dados da SIC são espectaculares.
P. — Não há nenhum lado da Europa em que uma televisão privada tenha arrancado com apenas outros dois canais no ar.
R. — Dois canais era normal para uma população de 10 milhões de habitantes. E as pessoas não são tele-comandadas por um botão qualquer. Estiveram 30 anos a ver a RTP, não é um mês ou em dois meses que passam todas a ver a SIC. Nós nunca prometemos isso. Eu tinha perfeita consciência de que essa era uma dificuldade que teríamos pela frente. Porque o que custa é vencer essa inércia. Mesmo assim, a realidade é esta: o Canal 1 da RTP, que tinha quotas na ordem dos 82 por cento de audiência, agora nunca ultrapassa os sessenta e tal por cento. Já caiu de 82 para sessenta e tal. Ou seja, nós fomos ganhar os 15 pontos de audiência ao Canal 1. Ora quando eu vejo a Antena 3, em Espanha, que ao fim de um ano tinha apenas cinco a seis pontos de audiência e que só hoje, quatro anos depois, tem uma quota de 18 por cento... As pessoas não podem pedir milagres, mas os nossos resultados já são espectaculares.



ATVI poderá ajudar a causar alguns problemas ao Canal 1. À SIC tenho algumas dúvidas. Em Portugal isto vai sempre decidir-se entre a SIC e o Canal 1. Esses serão, do meu ponto de vista, os dois protagonistas fundamentais da disputa pelas audiências de televisão e pela ocupação de publicidade. Não quero muito falar da TVI.

mana a SIC passou a cobrir setenta por cento do território nacional, enquanto o Canal 1 da RTP cobre 100 por cento do território nacional. Mas, mesmo assim, em termos nacionais, já temos uma quota de 11 por cento... E estamos a aumentar.

P. — A vossa quota manteve-se nas áreas que cobrem desde o início. Não misture dados diferentes.
R. — Aumentámos. Estou a dar-vos dados absolutamente precisos e rigorosos. E, de resto, aconselho-vos que façam um contacto com a Markest, a ECOTEL e que procurem esses dados. Estes dados foram-me fornecidos há três ou quatro dias pela Markest durante uma exposição absolutamente rigorosa onde

foi explicitada a posição e evolução quer da SIC, quer dos outros canais. Foi sempre subindo e neste momento tem 15 pontos de audiência na Grande Lisboa e Grande Porto.
P. — Não foi sempre subindo.
R. — Foi sempre subindo.
P. — Os dados que temos da Markest dizem que não foi sempre subindo: teve 15,7 pontos na primeira semana, 14,8 na segunda semana, 14 pontos...
R. — ... e, depois, começou a subir outra vez.
P. — Depois chegou a 12,6 pontos.
R. — Claro. Isso é natural.
P. — Depois subiu para os 14 e, na última, teve 14,1. Não diga que tem subido sempre.
R. — Está a subir. A SIC começou por ter um milhão e não sei quantos espectadores, neste momento nunca tem, todos os dias, menos de dois milhões e setecentos mil. Se isto não é significativo num país que tem 10 milhões de habitantes... Mas eu gostava de comparar estes dados com aquilo que se passou no resto da Europa. E é à luz muito dessa apreciação que eu considero que os dados da SIC são espectaculares.
P. — Não há nenhum lado da Europa em que uma televisão privada tenha arrancado com apenas outros dois canais no ar.
R. — Dois canais era normal para uma população de 10 milhões de habitantes. E as pessoas não são tele-comandadas por um botão qualquer. Estiveram 30 anos a ver a RTP, não é um mês ou em dois meses que passam todas a ver a SIC. Nós nunca prometemos isso. Eu tinha perfeita consciência de que essa era uma dificuldade que teríamos pela frente. Porque o que custa é vencer essa inércia. Mesmo assim, a realidade é esta: o Canal 1 da RTP, que tinha quotas na ordem dos 82 por cento de audiência, agora nunca ultrapassa os sessenta e tal por cento. Já caiu de 82 para sessenta e tal. Ou seja, nós fomos ganhar os 15 pontos de audiência ao Canal 1. Ora quando eu vejo a Antena 3, em Espanha, que ao fim de um ano tinha apenas cinco a seis pontos de audiência e que só hoje, quatro anos depois, tem uma quota de 18 por cento... As pessoas não podem pedir milagres, mas os nossos resultados já são espectaculares.

P. — Mas então, nesse quadro, não foi um pouco temerário irrem para uma grelha em que o "prime time" é um decalcar da RTP?
R. — A nossa aposta é ganhar cada vez mais audiência. Por isso não temos nenhum prurido e, quando for necessário e sentirmos que devemos mudar e alterar a nossa grelha de programas, vamos fazê-lo. Mas só quando acharmos que esse é o melhor caminho. Nós não estamos aqui numa posição fixista.

P. — Ao princípio tinham uma regra de ouro.
R. — Quêera?
P. — ... que era cumprir os horários. Agora não estão a cumprir horários.
R. — Não estamos a cumprir horários? (Risos) Desculpem. Nós estamos a cumprir horários e mais. Nós somos a única estação que cumpre horários. O que acontece, e isto é que não deve ser confundido com o resto, é que, se há um evento...
P. — Só aconteceu uma vez ou duas.
R. — Uma vez ou duas? Várias. Quantos eventos! Jogos de futebol são eventos. O especial da Madona foi outro evento. Se nós temos um evento para colocar esse evento...
P. — O lançamento da nova telenovela é um evento? Nos dias se-

guintes houve alterações constantes da programação.
R. — Mas é evidente! Não é fácil perceber que aquilo é uma situação absolutamente excepcional! Que nós fomos...
P. — Houve algum nervosismo da vossa parte.
R. — Nenhum nervosismo. Se houvesse nervosismo, qual era o problema em reconhecer que tinha havido? Nenhum. Nós estávamos, pelo contrário, numa posição de inteira tranquilidade. Devo dizer-vos que a atitude da RTP não nos causou a mínima surpresa. Nós fizemos um levantamento das possíveis situações que podiam ocorrer no lançamento da novela. Todas. E preparámos para cada situação uma resposta.

P. — Confiaram um pouco na Globo na escolha que foi feita da novela "De Corpo e Alma". Aparentemente, a generalidade das pessoas acha mais graça a "Pedra sobre Pedra".
R. — Não sei. Estamos no domínio do gosto.
P. — Vocês agora estão muito satisfeitos com os 15 por cento. E quando vier a TVI?
R. — Esperamos subir. Cada vez mais. Nós estamos satisfeitos e queríamos dizer isto sem nenhum grau de hipocrisia.

P. — Falemos da TVI. Não acham necessário prepararem-se? Ainda mantém a opinião de que a TVI não trará grandes problemas à SIC devido à sua ligação à Igreja Católica?
R. — Acho que a TVI poderá ajudar a causar alguns problemas ao Canal 1. A SIC tem algumas dúvidas. Em Portugal isto vai sempre decidir-se entre a SIC e o Canal 1 da RTP. Esses serão, do meu ponto de vista, os dois protagonistas fundamentais da disputa pelas audiências de televisão e pela ocupação de publicidade. Não quero muito falar da TVI.

P. — Tem uma vantagem em relação a nós não terá que gerir a expectativa que vós tivestes que gerir.
R. — Está bem. A TVI não vai ter que gerir essa expectativa. Mas a usinagem de expectativa não me parece que seja um bom sinal. Depois de dizer da informação, que é dirigida por um padre? Em termos de programação também não se lhe conhece uma lógica coerente para ganhar público.

P. — A SIC já tem orçamentos para 1993?
R. — Não. Estamos a trabalhar nisso.
P. — A Direcção de Programas e a Direcção de Informação vão ter autonomia financeira?
R. — Tem que ter orçamento, dotação têm que ter gestão.
P. — Não aconteceu isso neste três meses.
R. — Nós nestes três meses temos orçamento. E eu tenho informação de que temos controle orçamental.

P. — Quando eu digo que há autonomia financeira é assim: quando é preciso levar um helicóptero para se ir daqui para ali, ou quando é preciso comprar um jogo de futebol...
R. — Nunca fui impedido.
P. — E não tem que ter uma assinatura por cima da sua?
R. — Depende dos valores envolvidos. Há decisões que eu tomo isoladamente e há outras em que se torna necessário recorrer à co-responsabilização.
P. — Vai manter as funções que tem, isto é, as funções de director de informação e de programas?
R. — Depende de muitas coisas. A SIC tem que estar, inevitavelmente, em permanente apreciação, reflexo, verificação de resultados. Seria estúpido dizer que a SIC é a organização perfeita. ■

Televisão pública acusada de malbaratar dinheiro dos contribuintes "Gostaria que fizessem uma auditoria às contas da RTP"

EMÍDIO RANGEL não perdoa à RTP a estratégia agressiva que vem seguindo. Acusa-a de malbaratar os dinheiros públicos e até levanta interrogações sobre a lisura dos seus procedimentos administrativos. Nesta entrevista abriu as hostilidades filando de "escândalo".

P. — Que escândalo?
R. — O escândalo dos vultuosos subsídios que o Estado dá à RTP. A RTP nunca foi tão dependente dos subsídios do Governo e do Estado, como é agora.

P. — Nunca o dinheiro do Estado teve tão pouco peso no orçamento da RTP como agora. Este ano nem chega a 20 por cento do orçamento.

R. — Como? Que contas mal feitas, meus caros...

P. — São as contas que estão publicadas.

R. — A RTP recebeu já, este ano, qualquer coisa como 16 milhões de contos. Dá para fazer três SICs.

P. — 16 milhões de contos foi o orçamento da RTP para 1992, não o que o Estado lhe deu.

R. — Eu estou a contar com a verba agora inscrita no Orçamento do Estado.

P. — Isso é para 1993. E este ano não recebeu dez milhões.

R. — E mais: isso é o que a RTP recebe por cima da mesa.

P. — Essa é uma acusação grave.

R. — Sim. É o que recebo por outras vias. Vocês contabilizam o que a RTP recebe do Fundo Social Europeu?

P. — Do Fundo Social Europeu vocês também podem receber, se quiserem.

R. — Mas como, podemos receber?

P. — A TSF recebeu.

R. — A TSF recebeu noutra contexto e noutra momento. Vocês sabem quanto a RTP consegue receber daí?

P. — As verbas do FSE não são do Estado.

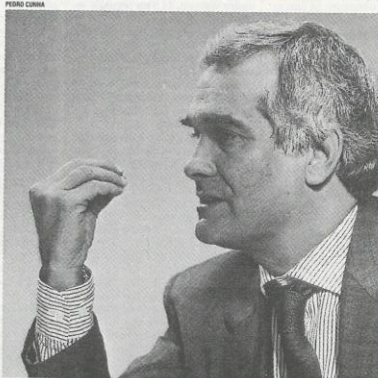
R. — Mas são dinheiros da Comunidade, que o Estado controla.

P. — E a SIC também pode ter acesso a eles.

R. — Pois pode.

P. — Então que outros dinheiros recebe a RTP por "baixo da mesa", como disse?

R. — O Estado é o melhor cliente da RTP. Portanto eu acho que a RTP nunca esteve



A RTP tem ordem para matar, tem ordem para aniquilar os canais privados

tão dependente do Governo como está agora. Nunca esteve tão dependente daquilo que o Estado dá ou não dá.

P. — Isso não faz sentido, porque nunca o peso do dinheiro do Estado foi tão pequeno no orçamento da RTP como este ano.

R. — A RTP vai estar, pela primeira vez, confrontada com situações de prejuízo. Na qualidade de cidadão, chamo-me que a RTP malbarate os dinheiros públicos.

P. — Pronto: malbarata. Mas malbarata 20 por cento de dinheiros públicos e 80 por cento de dinheiros de receitas de publicidade.

R. — Não, não. Vamos discutir por partes. Em primeiro lugar, é um escândalo absoluto que a RTP possa ir ao mercado de publicidade, sem qualquer restrição, sem qualquer limitação e possa, simultaneamente, ser subsidiada pelo Estado. Isto viola todas as regras da concorrência, isto viola normas comunitárias.

P. — Não há normas comunitárias em relação a isso.

R. — Há normas comunitárias para a intervenção do Estado nas empresas públicas... O Estado não tem o direito de estar a prejudicar a lógica de concorrência normal que se devia estabelecer entre os canais, subvencionando a RTP.

P. — E os custos do serviço público?

R. — Gostava que me indicassem quais os serviços públicos prestados pela RTP. A RTP não tem nenhum.

P. — A SIC está dis-

posta a instalar-se nos Açores, na Madeira, nos PALOP...

R. — Se for para receber os vultuosos subsídios, devo dizer que é um grande negócio. De resto, por alguma coisa, apressadamente, três meses antes da SIC abrir, a RTP apareceu com a RTP, para o satélite.

P. — Isso custa dinheiro.

R. — Pois custa. Mas é um grande negócio.

P. — Custa dinheiro fazer co-produção com os PALOP, custa dinheiro...

R. — É evidente que custa dinheiro. Mas a RTP recebe — por hipótese, vou lançar um número — recebe seis milhões, gasta três milhões, logo ganha três milhões nessa operação. A minha posição pessoal é a de que isto é um grande negócio. A RTP não presta serviço público rigorosamente nenhum.

P. — Os tempos de antena, a emissão para os Açores e a Madeira, as emissões para os emigrantes, o apoio à produção, ao cinema... Pode ser um bom negócio mas é serviço público.

R. — O único serviço público que a RTP presta são os tempos de antena. De resto, o PÚBLICO, a SIC, a TSF não estariam prontos a prestar um serviço público dessa natureza, desde que o Estado pague e ainda sobre um ou dois milhões de contos? E nós sabemos perfeitamente que a RTP vai fazendo as distribuições que faz porque consegue ir ao mercado de publicidade, sem nenhuma restrição. Na maior parte das televisões europeias

de serviço público há...
P. — Há os dois modelos.

R. — Há os dois modelos. E quando o Estado subvenciona, há limitações.

P. — Em Espanha não há. Aliás, Portugal e Espanha são as únicas exceções no que diz respeito, por exemplo, a taxa de televisão. Não se paga taxa de televisão.

R. — Olhe essa foi outra das belas armadilhas que foram colocadas no terreno das televisões privadas, porque essa foi outra maneira de continuar a fazer sair dinheiro do Orçamento do Estado... Que outra empresa pública ou que outra empresa de capitais públicos vi-

va numa lógica de gastos públicos, sumptuosos, fazendo a ostentação que fere a sensibilidade das pessoas? Só a RTP. E que a RTP tem ordem para matar, tem ordem para aniquilar os canais privados; tem ordem para não os deixar crescer.

P. — Está a dizer que existe uma cabala estatal contra os canais privados e contra a SIC?

R. — Estou a dizer que existe claramente um processo político que visa manter os canais privados a um nível muito baixo. Aliás já tinha existido em relação à rádio. E ainda bem que já o vivi em relação à rádio. Já nessa altura se pretendia que a TSF fosse uma coisa minúscula.

O Governo não tem o direito de permitir que o canal público vá direito ao mercado de publicidade sem nenhuma restrição, sem nenhuma limitação e depois subvencione o canal público com largos milhões de contos por ano. Isso permite o desvirtuamento da competição e permite que a RTP vá fazendo aquilo que faz: malbaratar os dinheiros públicos.

E digo-vos mais: se as instituições que fiscalizam os dinheiros públicos interviessem... Ouvesse falar muito de auditorias aqui, ali, acolá. Mas não conheço nenhuma aos dinheiros da RTP. Façam uma apreciação às contas da televisão pública, façam uma auditoria... Era um exercício interessante. Iramos ter certamente resultados interessantes e informações interessantes acerca da conformidade de funcionamento daquilo com as leis e normas estabelecidas para o funcionamento da empresa daquele tipo. **• D.L.R./J.M.F./M.A.G.**

Os equívocos e as expectativas

António Braga*

A questão que parece pertinente colocar em relação ao desempenho do primeiro canal privado em Portugal não é tanto a de saber se ele está a corresponder às expectativas acumuladas ao longo dos últimos anos, mas sim a de localizar os equívocos que permitiram julgar isso possível, ainda por cima logo nos primeiros meses de emissão.

Num país como Portugal, um canal privado, com a publicidade como fonte exclusiva de receita, só poderia começar por aspirar a ser um canal nacional, com o tipo de programação a que por cá se chama "generalista". A criação de "televisões locais", de região ou cidade, à semelhança do que acontece em países maiores e com outro tipo de desenvolvimento económico, mesmo que o quadro legal a permitisse, não produziria mais do que "brinquedos" de interesses conjuntivos, que em nada contribuiriam para a saúde do nosso audiovisual. Por outro lado, um canal nacional "não generalista", nos géneros televisivos programados e no(s) público(s) a atingir, muito dificilmente poderia sobreviver sem subsídios extrapublicitários.

Ora, ao afirmar-se como nacional e "generalista", um novo canal suscitaria, inevitavelmente, a comparação antecipada com a RTP e, por consequente, atrairia todas as expectativas alimentadas pelas diversões e, em muitos casos, contraditórias insatisfações com a empresa da 5 de Outubro. Muito resumidamente: mais e melhor daquilo que se espera de uma televisão comercial (que a RTP, em grande medida, é); mais e melhor daquilo que se espera de um serviço público de televisão (que a RTP, tal como tem existido, não sabe e não quer ser). Reconheça-se que seriam expectativas a mais para um canal só!

Uma vez mais, era de esperar que a crítica e os comentadores mais atentos tivessem sabido dar o desconto às promessas promocionais, ainda por cima quando algumas delas pareciam entrar em contradição com o modelo anunciado para o novo canal. Se assim fosse, não assistiríamos, agora, a reacções próprias de telespectadores desprevidos, vindas de quem tinha obrigação de distinguir o possível do impossível.

Consideremos apenas dois exemplos. Não é verdade que os responsáveis da SIC definiram como um "broadcast" (difusor, chamemo-lhe assim), excepção feita à regra da informação? É não é verdade que um "broadcast" que se implanta em seis meses num país onde não existe uma indústria de produção independente tem que recorrer, principalmente, a programas importados, mesmo que na sua carteira de encomendas existam projectos de produção nacional?

E a existirem esses projectos, não seria um milagre se a qualidade média da produção nacional desse, subitamente, o salto de ano-uz, passe o exagero, capaz de a equiparar ao melhor horário do que se escolhe lá fora?

Não se trata, insisto, de analisar a programação do novo canal nem muito menos de a procurar justificar. Trata-se, isso sim, de chamar a atenção para aquilo que nos parece ser pressupostos essenciais para a existência entre nós de uma televisão "de qualidade", sem cuidar ainda de saber se é essa ou não a televisão que os novos operadores nos querem proporcionar.

Como toda a gente, limto-me, por enquanto, a esperar que não tenham estabelecido com os telespectadores uma relação semelhante à que qualquer um de nós tem com o respectivo gravador de vídeo, sem a vantagem da escolha.

O segundo exemplo será de pormenor, mas serve para ilustrar um outro tipo de equívocos. Costuma dizer-se que, em certas situações, é melhor fazer primeiro e falar depois. Ao anunciar uma informação "em directo" antes de ter os meios para a fazer (e sem distinguir as circunstâncias em que ela é possível e desejável), a SIC desviou as atenções daquilo que, para começar, teve de melhor — uma informação de cara lavada, sem recados políticos nem o sensacionalismo barato das "curiosidades" e da enociação de falsos reportagens.

Por fim, a tão falada "estratégia de confronto". Não essencial, a questão não está em saber se uma "estratégia de confronto" deveria ou não ser adoptada (parece-me evidente que deveria, por tudo quanto ficou dito acerca de 35 anos de televisão única), mas em saber se os terrenos do "confronto" foram escolhidos em função de uma estratégia de aplicação progressiva, tendo em conta os graus de "fidelização" existentes e os meios disponíveis. Em resumo, se foi um "confronto" inteligente ou um "confronto" ego.

Uma coisa é certa: ainda é muito cedo para juízos absolutos. Afinal, só agora, no limiar do século XXI, ensaiamos a saída da pré-história televisiva. **•**

* director da CNTV

PÚBLICO

1.2.9 6 out. 94: “2 anos de televisão fast-food”

destaque 2 QUINTA-FEIRA, 6 OUTUBRO 1994

DESTAQUE

Dois anos de televisão

Maria Augusta Gonçalves

São dois anos de concorrência televisiva, aqueles que hoje se cumprem. Dois anos sobre o início das emissões da SIC, o primeiro privado a romper com o monopólio do Estado na televisão portuguesa. Dois anos em que tudo mudou, mesmo que pareça cada vez mais igual: iguais os programas, iguais os formatos. Mas não é a mesma televisão do passado. Em tempo de concorrência, não há acontecimentos que possam ser ignorados. Nem publicidade que suporte uma programação de qualidade nos quatro canais. A RTP aposta na margem de liderança que lhe resta, a SIC bate-se pelo primeiro lugar nas audiências, a TVI procura consolidar uma “fatia” do mercado. No resto, fica a televisão como produto, uma espécie de “fast food”, num país sem outras ofertas de entretenimento.

LUIS RAMOS



PHILIP CARREIRO



As tendências da TV portuguesa confirmam a padronização, a perda de investimento na ficção, o aumento de programas com orçamentos baixos

PEREIRO

“fast-food”

Via-se Sim Sr. Ministro em horário nobre, filmes de longa-metragem um pouco depois, produções como As Teias da Lei e A Balada de Hill Street tinham as honras da programação. Sem concorrência, a RTP considerava-se uma televisão de qualidade, uma das melhores da Europa. Uma qualidade aparente, assente nos “enlatados” do mercado internacional.

Hoje, dois anos depois do início das emissões da SIC, a programação noutras línguas é arrastada para fora de horas. Ficam telenovelas, “talk shows”, comédias. E, sobretudo, formatos importados do exterior. É o caso de Nico d’Obra, All You Need Is Love, Perdoo-me, programas testados junto de espectadores e que se podem bater pelos primeiros lugares num “top” de audiências.

A tendência desenhara-se já na temporada anterior às primeiras emissões da SIC, quando a RTP lançava as versões nacionais de A Roda da Fortuna ou de O Preço Certo. Agora, na televisão portuguesa, a par das televisões de outros países da Europa, consomem-se os produtos comprovados: Chuva de Estrelas, Só Riso, Isto só Vídeo, Pálio da Fama. A televisão vive da publicidade, das audiências que a justifiquem — mesmo o serviço público — e os riscos têm de ser controlados.

O aparecimento dos canais privados trazia esperanças. Falou-se em pluralismo, ao longo do ano de 1992, apostou-se na informação (era a “imagem de marca” da SIC), houve mesmo quem acreditasse que a qualidade da televisão podia ser melhor (“A caminho de uma televisão pior”, PUBLICO, 18-10-91). Mas, pouco mais de um mês após o lançamento do primeiro canal privado, o caminho estava traçado: a violência do confronto na estreia de duas telenovelas — Pedra sobre Pedra e De Corpo e Alma — permitia perceber o que estava em jogo.

A semelhança do que se passa noutros países, a televisão em Portugal centraliza os seus esforços no horário nobre, que garante mais de metade das receitas publicitárias. Fala-se para todos os espectadores: 9,5 milhões de pessoas, “crianças com mais de quatro anos de idade”, como as caracterizam os profissionais de televisão. E entra-se assim na uniformização de programas — porque se leva à letra o número das audiências. Fala-se para o elemento comum a to-

das elas — o que é mais imediato. Em jogo está a sobrevivência dos canais.

As tendências que cada vez mais se confirmam na paisagem audiovisual portuguesa verificam-se também noutros países: a padronização (no limite, Perdoo-me e Desculpem Qualquer Coisinha não serão diferentes entre si), a perda de investimento na ficção, o aumento de programas com orçamentos baixos, pelo menos em relação aos custos que envolve a produção de uma série filmada — a rubrica Insónias, na SIC, destinada a um público de características urbanas, será a prova mais recente.

Acusam-se sintomas de sensacionalismo na informação (o caso Aquaparque, há um ano, a abertura do Telejornal com a operação de implantação de um pénis). Mas também se reconhecem as vantagens: a impossibilidade de, num sistema de concorrência, se ignorarem acontecimentos.

No resto, dizem responsáveis pelo “marketing” das estações, é nas produções em língua portuguesa que se investe, porque são elas que mobilizam espectadores. O que justifica o sucesso de Nico d’Obra à segunda-feira (na grelha anterior estava à terça), em confronto com a sessão de cinema na SIC; e de Chuva de Estrelas, há um ano, quando se sobrepuja à Noite de Cinema no Canal 1.

As televisões generalistas, em toda a Europa, debatem-se com o mesmo problema: oferecer produtos que o maior número de pessoas consuma. É o que leva a repensar os conceitos de serviço público e as suas formas de financiamento (ver texto “A reinvenção do serviço público”, nestas páginas). É o que as leva a apostar em “valores seguros” e a analisar, ao pormenor, os mercados onde actuam (suplemento Zoom de 23/9/94). Algo que torna evidente uma imagem do país que a simples exibição de “enlatados” escondia.

Estratégias

Portugal é um país sem alternativas à televisão, é um país sem teatros, excepto nos grandes centros, um país com 203 salas de cinema (havia 294 em 1991); um país com duas livrarias nos distritos de Viseu e Portalegre, Viana do Castelo, Évora e Vila Real, de acordo com o estudo sobre o consumo de bens culturais feito pelo Instituto Nacional de Estatística, em 1993.

É o país da Europa onde se vê mais televisão: cerca de quatro horas por dia, no Verão;

quatro e meia no Inverno, cinco em pleno Natal (o valor não variou substancialmente ao longo dos últimos meses). Em Espanha, atingem-se as três horas e meia; no Reino Unido pouco se passa das três.

Foi este país que a SIC, a TVI, mesmo a RTP encontraram, quando se estabeleceu a concorrência. Tiveram de reformular as suas estratégias iniciais, tiveram de fazer face à realidade do mercado.

A SIC partiu de uma referência alta: o confronto directo ao monopólio, a aposta na informação. Obteve audiências baixas. No Verão de 1993, optou pela estreia de programas em português. Verificou-se alguma subida das audiências, mas só em Outubro desse ano o sucesso de Chuva de Estrelas lhe permitiu um pouco mais de 20 por cento de “share”. Em Fevereiro deste ano, com Mulheres de Areia, a SIC subiu o seu mais alto degrau, encaminhando-se para “shares” de 30 por cento. E alterou o panorama das audiências portuguesas.

O fim de Mulheres de Areia, a estreia de A Viagem (os primeiros episódios de um produto são sempre menos vistos) e o começo de uma nova programação no Canal 1 fazem com que a SIC atravesse o seu primeiro revés numa subida constante.

O Canal 1 regressou a uma quota de audiência que não experimentava há meses — algo superior a 50 por cento. Mas ressentem-se da estrutura pesada da RTP — o que se torna evidente na forma como são os profissionais que formou — José Eduardo Moniz, Carlos Cruz — que respondem às suas falhas de produção. Na TVI, sem telenovelas à hora de jantar, aproveita-se um nicho de mercado, a informação. Ribeiro e Castro, seu director, reconheceu-o: “O alinhamento da RTP com o Governo” e a possibilidade de o presidente da SIC vir a ser “um dos protagonistas da política em 1995” desenham um cenário favorável ao canal.

Dois anos depois do início das emissões da SIC, a televisão é diferente em Portugal. Dentro de alguns anos, com a implantação de redes de cabo — a TV Cabo Portugal, a Lusomundo, a TVTel são três projectos em desenvolvimento — e a desregulamentação do sector das telecomunicações, prevista no âmbito da Comunidade, a televisão mais diferente poderá ser. Ou mais igual. Tudo depende de quem a vê. Como a luta pelas audiências o demonstra. ■

ALFREDO CUNHA



Reestruturação na RTP

Rescisão de contratos até 700 pessoas

Maria Augusta Gonçalves

O plano de reestruturação da RTP deverá ser apresentado em Conselho de Ministros até ao fim do ano. Prevê a “racionalização de meios” e a “redução das estruturas de pessoal”. Neste momento, três cenários se desenham. Todos têm a ver com o período para a “rescisão de contratos”. Em Novembro, a administração da empresa irá discutir o plano eleito.

As três propostas de reestruturação da RTP são coincidentes na necessidade de “rescindir contratos” em cerca de um quarto do pessoal — 600 a 700 pessoas, num total de 2400. No essencial, apenas diferem no modo de o fazer, ou seja, nos prazos estabelecidos, que

variam de três a cinco anos. Por causa do período de adaptação da velha estrutura. E por causa das verbas necessárias para o pagamento de indemnizações: sete a dez milhões de contos, “no mínimo”. Um valor astronómico numa empresa com um défice acumulado de quase 20 milhões e com uma taxa de endividamento à banca de 11,8 por cento.

Todas as propostas para reestruturar a televisão do Estado, da responsabilidade de uma empresa de auditoria externa, “habituada a lidar com a televisão”, apresentam o mesmo tipo de problemas e de soluções para um só objetivo: a “maleabilização” da estrutura. De acordo com a tutela da Comunicação Social, o “plano de reestruturação para a RTP” deve ir ao encontro do despacho do ministro-adjunto, datado de 17 de Agosto de 1992. Nele se exige a “racionalização dos meios” da RTP, a “reorganização, redefinição e redimensionamento das suas actividades” e o “aligeiramento e redução das estruturas dirigentes e de pessoal”.

O prazo de entrega das propostas termina a 30 de Outubro. Mas, neste momento, o Governo e a administração da RTP conhecem já o essencial

das mesmas. Todas elas apontam os pontos fracos adquiridos durante o período do monopólio televisivo: horários rígidos não concordantes com o tempo de emissão, pulverização de chefias, dificuldades de relacionamento interdepartamental, ausência de articulação de sectores de produção e administrativos.

Em Novembro, a administração da empresa irá discutir as propostas com o Executivo, prevendo-se que a passagem à prática da que for escolhida ocorra em Janeiro. Até agora, a Comissão de Trabalhadores ainda não foi ouvida, como a lei exige. O que já deu origem a uma queixa dos trabalhadores no Tribunal de Trabalho, que a encaminhou para a Procuradoria Geral da República.

Negociações difíceis

Se é consensual a necessidade de reestruturar a empresa, com vista à “eficiência da gestão”, entre as Finanças, a tutela da Comunicação Social e o conselho de administração da RTP surgem interpretações diferentes no modo de o fazer. O impasse que se verificava no começo do Verão permanece. A verdade é que palavras >>>

PUBLICO

DESTAQUE

SIC: três anos no ar



Emídio Rangel tem sido o operacional de um projecto televisivo sonhado por Pinto Balsemão

destaque 2 SEXTA-FEIRA, 6 OUTUBRO 1995

Duarte Moral

As emissões regulares da SIC, o primeiro canal privado de televisão em Portugal, cumprem hoje o seu terceiro ano. Um aniversário que é duplamente festejado pelos seus responsáveis: a SIC é agora o canal mais visto no nosso país, uma liderança que nunca perdeu desde que a assumiu, no segundo trimestre deste ano. O ano da graça de 1995 ficará gravado para a estação de Carnaxide como o da ultrapassagem da televisão do Estado por um projecto privado liderado por Francisco Pinto Balsemão e Emídio Rangel. Um projecto eminentemente comercial que tem feito a sua história em Portugal e é hoje, nesse campo, um caso de sucesso. Uma televisão com virtudes e defeitos que tem servido de modelo mesmo para uma RTP que tem esquecido, sobretudo no que ao Canal 1 diz respeito, a sua vocação de serviço público. No dia em que a SIC entra, em alta, no seu quarto ano de emissões, o PÚBLICO escolheu três sinais "mais" e três sinais "menos" do canal de Carnaxide.

MAIS

Mais informação

A TELEVISÃO de Carnaxide é hoje, indiscutivelmente, a maior referência em termos de informação dos canais televisivos portugueses, depois de tantos anos de monopólio da televisão estatal, desde sempre condenada a uma maior ou menor governamentalização por parte do poder instituído. Os critérios são sempre discutíveis, mas a verdade é que a informação da SIC significou uma alteração profundíssima nos hábitos empoeirados e oficiais da televisão portuguesa, a começar por um tratamento da imagem realmente diferente, mais "televisivo" até. Foi a SIC quem impôs em Portugal, ainda que muitas vezes com manifesto exagero, a lógica do directo, uma opção que, aliás, Emídio Rangel já fizera na TSP, a sua anterior "criação". Conferiu à informação televisiva uma lógica de espectáculo que não é, em si, má, ainda que possa levar a algumas perversões. A verdade é que, sem uma televisão como a SIC, a marcar o andamento, provavelmente não teríamos tido a cobertura em directo de acontecimentos como os incidentes na Ponte 25 de Abril. ■

Novos rostos

O SURGIMENTO do primeiro canal de televisão privado permitiu um certo rejuvenescimento nas caras mais conhecidas dos telespectadores portugueses, quer no campo da informação, quer na programação geral. Um rejuvenescimento que se impunha, dado que nos últimos dez anos o mirasmo parecia instalado, provocando algum cansaço. O símbolo maior da SIC nesta matéria não deixará de ser Catarina Furtado, que depois de três anos na ribalta terá ela mesmo percebido que a televisão é uma máquina que conhece quem nela escreve. Mas Catarina foi um dos rostos novos que a SIC lançou para um estrelato à luz diminuído (quem se lembrará que ela chegou a apresentar o Top 9 na RTP?). Outro dos rostos que se tornou imagem de marca do canal de Carnaxide foi o de José Alberto Carvalho, o "pivot" do principal noticiário que terceiro canal foi burocracia à RTP, onde estava "enxotado" nos noticiários da hora do almoço. Esta capacidade de criar figuras rapidamente associáveis à sua imagem é um dos méritos do canal presidido por Francisco Pinto Balsemão. ■

Promoção e autopromoção

BASTA ASSISTIR a uma etapa da Volta a Portugal em Bicicleta para percebermos a importância que a SIC atribui à sua própria promoção, utilizando toda a panóplia de elementos e "gadgets" que actualmente estão à disposição de quem quer enveredar por aí. Basta assistirmos e alguns minutos de emissão da SIC para percebermos quanto o canal investe na autopromoção, através dos melhores "spots" existentes nos canais televisivos portugueses, a que José Ramos dá a sua inconfundível voz. E a verdade é que todos os estudos feitos nessa matéria provam que a melhor das promoções de um canal é a própria, em "spots" inseridos na sua programação. A televisão de Carnaxide fito abundantemente e fi-lo melhor do que ninguém, conseguindo captar atenções para a sua programação de forma brilhante. Em matéria de "marketing", a SIC acaba de dar um passo inovador, a que só o tempo dará resposta sobre a sua eficácia, ao avançar para o patrocínio das camadas do futebol do Sporting. Mas esta é uma área em que a SIC surge à frente da concorrência. ■

MENOS

Enxurrada de "reality shows"

FOI A SIC a responsável pela introdução na televisão portuguesa dos "reality shows", que já pululam pelas televisões de todo o mundo há alguns anos. Uma espécie de "setima praga do Egípto", ainda que recompensada por grandes audiências, afinal o objectivo perseguido pelos responsáveis da televisão de Carnaxide. O já tristemente célebre Perdão-me, seguido pelo não menos inenarrável All You Need Is Love constituem neste campo marcos de mau gosto, explorando campos que deveriam permanecer na esfera íntima das pessoas, que perdurariam. Mas foram apenas o início da enxurrada. O sucesso de audiências levou a que até a televisão do Estado tenha enveredado por trilhar esses caminhos, esquecendo-se absolutamente da sua especificidade, ainda por cima dirigindo-se à mesma fonte que a SIC (a produtora holandesa Endemol). Hoje, não há dia da semana em que as nossas televisões não nos brindem com Ceras de Um Casamento (na SIC) ou de qualquer outra coisa, ou algo do tipo A Minha Vida Viva Um Filme (na RTP). ■

Ficção e produção portuguesa

DEPOIS da muito prometida experiência de A Viúva do Enforcado, uma excelente série de produção nacional, a SIC abandonou as veleidades, deixando-se subordinar absolutamente ao binómio "preço" "share". E por isso que hoje, se excluirmos os programas da área da informação, está reduzida, em matéria de produção nacional, a indigesta série Big Show SIC e alguns maus programas de humor, com Marinas Motas, Camões de Azevedo e afins. Uma opção que obviamente não se pode saudar, mesmo que seja recompensada pelos favores dos milhares das tabelas de audiências. Uma escolha que legitima as críticas de alguns que, mesmo antes da abertura da televisão à exploração do sector privado, anunciavam um nivelamento por baixo da qualidade da programação na TV portuguesa — o que, aliás, não é um fenómeno exclusivamente nacional. E que condena irreversivelmente à morte a produção portuguesa de grande qualidade, inevitavelmente cara, sobretudo se se vier a confirmar a notícia do abandono pela RTP, esquecendo a sua vocação de serviço público, da produção própria. ■

Um certo frenesim

JÁ AQUI se elogiou a informação da SIC. Mercedosamente. Mas é também justo assinalar-se um certo frenesim que por vezes se instala em Carnaxide, levando a estações a cometer excessos. Não é preciso sequer ir muito atrás no tempo. Basta recordar cinco dias e lembrar o que se passou durante a emissão da noite eleitoral, com o anúncio da vitória de Guterres ainda antes do encerramento das urnas de voto. A violação de uma lei por a entender como injusta é uma coisa. Mas a opção da SIC constituiu um atentado à consciência dos cidadãos que ainda não tinham exercido o seu direito de voto. E ficará para sempre a dívida sobre se tal não terá sido feito, não por qualquer consideração sobre a injustiça da lei e em nome do direito à informação, mas antes por tal garantir, desde logo, uma audiência fidelizada e substancial. Eis uma lógica que choca que possa ser absoluta, mas que na SIC, por vezes, dá a sensação de o ser. ■

PÚBLICO

Anexo 2. Entrevistas

2.1. Entrevista a Alberta Marques Fernandes

Olá Catarina,

Aqui vai

1. Foi um dos primeiros rostos da informação na televisão privada em Portugal. Tinha a noção que o nascimento do canal privado iria trazer para o espaço público um “duelo” televisivo ao nível dos noticiários entre o canal público e o privado?

Em 1992 tinha 24 anos, praticamente nenhuma experiência profissional por isso não passou nada pela cabeça, não tinha noção de nada.

2. Uma das principais apostas da SIC desde o seu nascimento foi a informação. Quais eram os métodos e mecanismos nesse departamento para ser melhor e diferente em relação ao canal público?

Não tenho referências de como era o canal público na altura mas a ideia era termos métodos mais simples, procedimentos com menos burocracia, aposta na agilidade, capacidade de resposta mais rápida e mais eficaz. Quanto á diferenciação ela existia devido à forte aposta na criatividade, na abordagem diferenciada nos mesmos assuntos, na aposta na proximidade com os diferentes públicos.

3. Alguma vez nesse período de ascendência às audiências, sentiu que o seu trabalho enquanto jornalista foi prejudicado pela forte concorrência sentida entre RTP e SIC?

Nunca.

4. De alguma forma o debate sentido na esfera pública entre os dois canais, influenciava o trabalho jornalístico naquela época?

Nunca. Só no sentido de incentivo para fazer melhor.

5. O jornalismo televisivo informativo venceu ou saiu a perder, com a guerra de audiências travada pela SIC e pela RTP?

Venceu claramente, a pluralidade é sempre boa para a informação.

Bom trabalho

Alberta

2.2. Entrevista a Paulo Nogueira

Olá Catarina. aqui vão as minhas respostas.

Desculpe não ter enviado mais cedo mas não tive tempo.

Qualquer questão ou dúvida, diga.

Cumprimentos

1. Enquanto jornalista da RTP1 até 1993, viveu o período de adaptação à concorrência. Essa ideia de que o canal iria ser um concorrente direto à RTP já havia sido implementada na redação, ou apenas começou a existir essa preocupação quando a SIC apresentou conteúdos diferentes que agradavam às audiências?

R- Deixei a RTP no final de Junho de 1992 entrando de imediato na SIC, precisamente no período em que o novo canal ainda não estava no ar. Desta forma, não acompanhei a adaptação da RTP à concorrência. Até ao dia da minha saída não tinha havido qualquer alteração no modo como se trabalhava na RTP.

2. Qual era a estratégia da RTP para enfrentar a concorrência de um novo canal de informação?

R - Desconheço, uma vez que não tinha acesso a essa informação e ela não era pública em 1992.

3. Como jornalista, alguma vez recebeu a indicação para que fosse apressado algum trabalho jornalístico de forma a ser emitido antes do canal privado, quando ainda se encontrava na RTP1, ou antes do canal público, quando já trabalhava para a SIC?

R - Na SIC sempre houve a preocupação de dar a melhor informação e em primeiro lugar. Não havia, por isso, indicações para que os trabalhos fossem apressados. Essa vontade fazia parte do DNA da redação da SIC.

4. Sentiu, ainda na RTP que havia a necessidade de uma mudança, ao nível da informação, para acompanhar o canal privado?

R - Era essa a sensação de muitos profissionais. Muitos que assim pensavam acabaram por sair para o canal privado, como foi o meu caso.

5. Acha que de certa forma, a luta desenfreada pelas audiências, como era retratado na imprensa portuguesa, que se verificou durante os primeiros anos da SIC, veio diminuir a qualidade da informação televisiva em Portugal?

R - Penso que foram cometidos alguns erros por todos os canais, mas a qualidade da informação subiu, e muito, disso não tenho dúvida. Na área do jornalismo a televisão privada trouxe mais e melhor informação, quer nos conteúdos quer na forma televisiva como são apresentados.

Paulo Nogueira
Jornalista Coordenador SIC

2.3. Entrevista a Maria João Figueiredo

olá Catarina.

Respostas abaixo

1. No ano de 1992 era jornalista da RTP 1. O anúncio de um novo canal de televisão já havia sido feito há algum tempo. Como é que a redação da RTP reagiu à notícia de que um novo canal de televisão iria surgir?

- No ano de 1992 eu trabalhava como jornalista da RTP e fui uma das pessoas convidada para trabalhar na SIC. Decidi ficar, por motivos de ordem pessoal, e porque me foi oferecida uma melhor remuneração. Não fui caso único. Vários jornalistas da RTP viram melhorar as suas condições de trabalho e isso foi um incentivo para as novas lutas. No ano anterior, José Eduardo Moniz já tinha começado a "treinar" o esquema de concorrência. Canal 1 e Canal 2 usavam jornalistas e equipas de ENG diferentes para efetuar o mesmo trabalho. Pode-se dizer que a RTP estava preparada para o primeiro embate. E, de facto, durante algum tempo, a RTP foi imbatível. Tudo mudaria depois.

2. Ainda antes do aparecimento da SIC foram feitas algumas mudanças na estrutura do departamento de informação da RTP, sabendo que a aposta da SIC seria precisamente nos conteúdos informativos. É capaz de recordar essas mudanças e qual era a estratégia que a RTP estava a planear?

- Eu era uma jornalista com apenas 27 anos de idade e 5 de profissão. As grandes decisões não passavam por mim. Mas lembro-me de ter mudado a coordenação do Telejornal e de a própria redação ter sido reforçada com novos elementos. Os alinhamentos do Telejornal sofreram mudanças, com menos peças sobre o governo e a exigência de qualidade aumentou.

3. Alguns jornalistas e espetadores criticaram na altura a concorrência entre os dois canais televisivos, afirmando que tanto o público e o privado estariam a prejudicar o jornalismo e a informação pela busca de audiências. Sentiu que as escolhas informativas da RTP se adaptaram à presença de um novo canal e que de certa forma não foram as mais indicadas?

- Creio que aconteceu exatamente o contrário. Foi a existência de concorrência que permitiu à RTP deixar de ter um jornal tão formal, oficioso e pouco criativo.

4. Acha que a luta desenfreada pelas audiências, como era retratado na imprensa portuguesa, que se verificou durante os primeiros anos da SIC, veio diminuir a qualidade da informação televisiva em Portugal?

- Resposta já dada acima.

5. Alguma vez durante esse período, sentiu que o seu trabalho enquanto jornalista foi prejudicado pela forte concorrência sentida entre RTP e SIC

- No início da SIC eu trabalhava para o jornal das 9 da RTP 2. Era, normalmente, um jornal mais livre e criativo que o da RTP1. Não senti tanto a concorrência como os meus colegas da RTP1. Com o decorrer do tempo, e exatamente para melhor combater a concorrência, muitos dos que estavam no canal 2 passaram para a RTP1. E aí sim, comecei a sentir bem a concorrência. Mas não me senti prejudicada. Pelo contrário, foi um estímulo. Considero que o aparecimento da televisão privada em Portugal foi um dos grandes acontecimentos da democracia pós 25 de Abril.

Cumprimentos